



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA



**CAMINHOS PARA A DESPERSONIFICAÇÃO: UMA ICONOGRAFIA
DE MULHERES NEGRAS**

São Cristóvão

Sergipe

2022



ARIMA DE ANDRADE SANTANA

**CAMINHOS PARA A DESPERSONIFICAÇÃO: UMA ICONOGRAFIA
DE MULHERES NEGRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título de mestre em Psicologia.

Orientador: Marcus Eugênio Oliveira Lima

Co-orientadora: Kaline da Silva Lima

São Cristóvão

Sergipe

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA



BANCA EXAMINADORA

Trabalho de dissertação da discente ARIMA DE ANDRADE SANTANA, intitulada
Caminhos para a despersonalização: uma icnografia de mulheres negras.

Prof. Dr. Marcus Eugênio Oliveira Lima
Universidade Federal de Sergipe
(Orientador)

Prof. Dra. Kaline da Silva Lima
Universidade Federal de Sergipe
(Co-orientadora)

Prof. Dra. Dalila Xavier de França
Universidade Federal de Sergipe
(membro interno)

Prof. Dra. Elza Maria Techio
Universidade Federal da Bahia
(membro externo)

AGRADECIMENTOS

Enfim, o momento tão esperado chegou. E chegou com uma calma inexplicável depois de ter navegado em mares tortuosos. Mas é o que dizem: mar calmo nunca fez bom marinheiro.

Deixe-me apresentar, sou Arima! Mulher negra, filha, neta e bisneta de mulheres negras, psicóloga e tantas outras coisas que não cabem aqui. Me apresento para que os leitores saibam que à frente dessa pesquisa tem uma mulher negra.

Gostaria de iniciar meus agradecimentos pedindo a benção às minhas antepassadas, que me fizeram chegar até aqui.

Agradeço a meu Orientador Marcus Eugênio Lima, pela oportunidade de ser sua aluna, por ter me acolhido quando pedi para participar do NSEPR e por todo aprendizado durante esses anos.

Agradeço a minha Co-orientadora Kaline da Silva Lima, pelo companheirismo, pela clareza e pela sutileza de quem pega o aluno pela mão e o acalma: foram seis meses de muito aprendizado.

E quem falou que ando só? Aqui, teço minha gratidão ao apoio das amigas que me ajudaram direta e indiretamente. Agradeço a Luiza que me incentivou a entrar no mestrado e me apresentou a Marcus. Agradeço também a minha terapeuta que me puxou todas as vezes em que pensei em desistir. Um agradecimento imensurável a minha mãe que esteve comigo nos piores e melhores momentos do mestrado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

A invisibilidade da mulher negra dentro da pauta feminista faz com que ela não tenha seus problemas nem ao menos nomeados. E não se pensa em saídas emancipatórias para problemas que nem sequer foram ditos.

Djamila Ribeiro

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo I: A construção social da mulher	
1.1 O corpo feminino como sistema de significações	15
1.2 O corpo negro feminino enquanto símbolo social.....	20
1.3 O corpo enquanto objeto	29
Capítulo II: Racismo e sexismo: uma relação interseccional com a despersonalização	
2.1 Racismo e sexismo: um duplo efeito para a personificação de mulheres	34
2.2 A despersonalização e seus efeitos sobre a negação do outro	42
Capítulo III: Medida de Objetificação de Mulheres: adaptação e evidências de validade	
3.1 Introdução	48
3.2 Estudo I – Tradução/Adaptação e Validade de Conteúdo de Itens da Escala de Objetificação de Mulheres	50
3.3 Estudo II – Evidências da validade da estrutura interna e validade convergente- discriminante	57
Capítulo IV: Metodologia	
4.1 Objetivos	69
4.2 Hipóteses	69
4.3 Método	70
Capítulo V: Resultados	79
Capítulo VI: Discussão Considerações finais	90
Referências	95
Apêndice	
A - Roteiro do Vídeo	105
B - Questionário de caracterização	106
Anexos	
A – Medida de Objetificação de Mulheres	110
B – Inventário de Sexismo Ambivalente	112
C – Escala de Racismo Revitimizador	115
D – Dados sociodemográficos	117

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. <i>Estrutura fatorial da escala</i>	62
Figura 2. <i>Distribuição de participantes por condição experimental</i>	71
Figura 3 <i>Efeito da cor de pele do alvo e status profissional</i>	81
Figura 4. <i>Efeito da cor de pele do alvo e status profissional (Participantes brancos)</i>	82
Figura 5. <i>Efeito da cor de pele do alvo e status profissional (Participantes negros)</i>	82
Figura 6. <i>Efeito da cor de pele na personalização moderado pela objetificação geral</i>	86
Figura 7. <i>Efeito da cor de pele na personalização moderado pelo sexismo benevolente</i>	87
Figura 8. <i>Efeito da cor de pele na personalização moderado pelo sexismo hostil</i>	87
Figura 9. <i>Efeito da cor de pele na personalização moderado pelo racismo</i>	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. <i>Processo de Tradução, Adaptação e Análise dos Juízes</i>	54
Tabela 2. <i>Coefficientes de validade de conteúdo</i>	56
Tabela 3. <i>Categorização sociodemográfica</i>	58
Tabela 4. <i>Índices de ajuste do modelo trifatorial da LOT-R</i>	61
Tabela 5. <i>Coefficientes alfas de Cronbach das estruturas fatoriais</i>	63
Tabela 6. <i>Estatísticas descritivas e Correlações entre fatores da objetificação e escores de sexismo e racismo</i>	63
Tabela 7. <i>Caracterização Sociodemográfica</i>	71
Tabela 8. <i>Descrição dos resultados da validação dos vídeos</i>	77
Tabela 9. <i>Perfil da amostra nos constructos avaliados</i>	79
Tabela 10. <i>Média (Desvio padrão) das variáveis dependentes em cada condição experimental</i>	80

Tabela 11. <i>Efeitos experimentais nas variáveis explicativas</i>	83
Tabela 12. <i>Análises de moderação da relação entre a manipulação experimental e a personalização</i>	85

Resumo

A despersonalização revela um desinteresse em avaliar ou formar impressão sobre o outro. Nela o outro já não é mais percebido nem mesmo desperta sentimentos. Desse modo, o objetivo desta pesquisa foi avaliar os processos de despersonalização da mulher negra por homens brancos e homens negros. A pesquisa foi dividida em seis capítulos, sendo o capítulo I, teórico, sobre os processos de significação do corpo das mulheres negras com o objetivo de compreender os fenômenos sociais que as conduziram a serem objetificadas. No capítulo II, discutimos os efeitos do sexismo (benevolente e hostil) e do racismo como um duplo golpe nas vivências das mulheres negras, discorrendo sobre os aspectos históricos, sociais e econômicos e analisando os processos de personalização e despersonalização da mulher negra em privilégio da mulher branca. O capítulo III consiste em um estudo empírico, através do qual realizamos a adaptação e a validação de Medida de Objetificação de Mulheres. A medida contém 12 itens subdivididos em três fatores: i) Objetificação internalizada; ii) Desempatia e comentários; iii) Insulto a mulheres. Os resultados mostraram bons índices de validade de conteúdo e índices satisfatórios de validade da estrutura fatorial e consistência interna. No capítulo IV, analisamos experimentalmente os efeitos da cor da pele e do status profissional da mulher na despersonalização. Para isso, foram utilizados dois vídeos em que se variava a cor de pele (Branca vs. Negra) das duas mulheres participantes e o status profissional (Funcionária vs. Gestora). Para essa análise, consideramos os efeitos da objetificação, do sexismo ambivalente e do racismo revitimizador, que se acentuam na despersonalização da mulher negra. A medida de despersonalização foi operacionalizada pela contagem de informações lembradas das mulheres dos vídeos. Participaram desse estudo 539 participantes, todos do sexo masculino com idades entre 18 e 67 anos ($M = 32,3$; $DP = 11,48$). 70,4% dos participantes são heterossexuais; 12,6 % são homossexuais; 15,1% são bissexuais; 0,2% dos participantes preferiram não identificar a orientação sexual; e 1,7% informou pertencer a outras categorias. Com relação à cor da pele, 63,6% da amostra se autodeclararam brancos, 19,1%, morenos, 9,8%, negros e apenas 7,5% disseram pertencer a outro grupo étnico. No capítulo V, apresentamos os resultados que demonstraram significativamente que os homens despersonalizam com mais evidência a mulher negra do que a mulher branca. Além disso, análises de moderação apontaram que a relação entre a cor de pele da mulher e a despersonalização depende dos níveis de objetificação, sexismo e racismo, sendo essa relação mais forte em pessoas com alta objetificação, alto sexismo hostil e alto racismo. No capítulo VI, refletimos sobre o programa de estudo, analisando que ele contribui teoricamente com o campo de estudos sobre a despersonalização de mulheres negras e apresentamos um conjunto de evidências sobre os constructos relacionados com esse processo.

Palavras-chave: Mulher negra; Racismo; Sexismo; Despersonalização; Objetificação.

Introdução

Desde o início da escravização dos povos africanos, a noção de pessoa foi sendo moldada ao longo do tempo, fortemente baseada na crença de superioridade racial/biológica dos brancos, que “justificava” o aprisionamento dessas pessoas para o trabalho escravo. Isso ocorreu, em parte, por serem consideradas menos humanas, menos *persona*, por serem assemelhadas aos animais e por se diferenciarem da normativa caucasiana eurocêntrica.

Essa redução do estatuto de pessoa iniciava-se pelo biológico, no qual o racismo científico buscava distinções, como o tamanho do crânio, do nariz, dos dentes, das nádegas, por exemplo. O corpo de pessoas negras, então, foi esquadrinhado, esquartejado com o intuito de justificar a superioridade biológica do corpo branco em relação, na mesma medida em que se notava o negro como culturalmente desfavorecido.

A noção de corpo traz consigo afunilamentos tanto racistas quanto sexistas e objetificantes para as mulheres negras, que, segundo Bell Hooks (2014), ocupam o último lugar na hierarquia social. Assim, esquadrinharam-se seus lábios protuberantes, seus seios fartos, seus quadris largos e determinaram-se os “não” lugares dos quais as mulheres negras poderiam fazer parte, alocando-as em lugares de subalternidade, de invisibilidade e de desumanização. Dados estatísticos apresentados no Dossiê Mulheres Negras (2013) evidenciam a articulação das desigualdades de gênero e raciais em vários contextos. As mulheres negras possuem menos acesso à educação superior, ao mercado de trabalho e à menor renda. As mulheres negras estão mais susceptíveis à pobreza, ao acesso a bens, à exclusão digital e à violência.

Dessa forma, os corpos e partes dos corpos passaram a carregar diferentes significados sociais, como refere Bourdieu (2012), o corpo passa a ser responsável por transportar simbolicamente os acontecimentos históricos, culturais e econômicos, além da identidade individual de cada um, como um agenciador da própria cultura. Todos esses significados ou simbolismos atribuídos ao corpo feminino negro foram e são retroalimentados pelo racismo, o

qual se constitui a partir de um processo de hierarquização, exclusão e discriminação de um sujeito contra uma dada categoria social que é definida como diferente com base em alguma marca física externa (real ou imaginada), a qual é ressignificada em termos de uma marca cultural interna que define padrões de comportamento (Lima & Vala, 2004) e, conseqüentemente, instituiu um lugar de subserviência, de invisibilidade para as mulheres e homens negros. O sexismo apresenta-se como outro fator determinante e discriminatório, pois revela uma mudança significativa na maneira de avaliar uma mulher branca em detrimento da mulher negra. Geralmente às mulheres negras são atribuídas características mais masculinas, enquanto que às mulheres brancas, características de delicadeza e fragilidade (Sesko & Biernat, 2010).

Além disso, destacamos também a objetificação como um fator discriminante para as representações da mulher, pois se olhamos para uma mulher e vemos apenas trabalho, ela é um objeto; se olhamos para uma mulher e a única coisa que vemos é sexo e nada de amor, ela é um objeto; ou ainda se olhamos para uma mulher e vemos apenas maternidade e nada de amor ou sexo, ela também é um objeto. Essas percepções, muitas vezes não conscientes ou automatizadas, corroboram o processo de despersonalização, de ver o outro como uma não-pessoa.

É nesse intuito que esta dissertação tem o objetivo de avaliar, por meio das percepções de homens brancos e negros, os processos de despersonalização da mulher negra. Podem existir diversas razões para explicar o desinteresse em avaliar uma mulher, entre elas, a falta de consciência da prática discriminatória, que pode, muitas vezes, ser vista como algo natural. A nossa primeira questão neste trabalho é verificar se homens personalizam mais uma mulher branca do que uma mulher negra. Essa questão é referente aos processos de formação de impressões sobre os outros, que decorrem dos processos atencionais de memória, ou seja, se

os participantes dos estudos prestam mais atenção e recordam de mais informações quando se deparam com uma mulher branca do que quando se deparam com uma mulher negra.

Nossa segunda indagação consiste em verificar se a personalização está relacionada com o status profissional da mulher (branca ou negra). Ou seja, se a posição dela na hierarquia social (gestora ou funcionária) influencia na sua personalização.

A terceira questão desse estudo consiste em avaliar as relações da despersonalização com a objetificação, o sexismo e o racismo. Aqui o cerne da nossa questão é a despersonificação enquanto um processo de negação das características individuais do sujeito (idiossincrasias).

Esta dissertação está estruturada em seis capítulos. O Capítulo I é subdividido em três tópicos: o primeiro discute os processos de atribuição de significado do corpo feminino e como eles mudaram ao longo do tempo, percorrendo diversas áreas de estudo, desde a psicologia social, passando pela antropologia, filosofia e literatura. O segundo tópico discorre sobre a quais lugares e papéis o corpo da mulher negra foi sendo alocado no decorrer dos acontecimentos histórico-sociais. O terceiro tópico de discussão é referente aos aspectos do processo de objetificação de mulheres.

O Capítulo II abrange dois tópicos com discussões sobre preconceito e despersonificação. O primeiro tópico discorre sobre o racismo e o sexismo como fenômenos que, pensados conjuntamente, produzem um duplo golpe na vida de mulheres negras, já que há uma dupla ameaça: as mulheres negras são consideradas como piores do que as mulheres brancas e os homens negros e as mulheres negras estão sujeitas tanto ao racismo quanto ao sexismo. A discussão desses fenômenos é importante para entendermos se e de que maneira eles contribuem para a despersonificação, para o não reconhecimento do outro como persona. O segundo tópico tem enfoque principal na despersonificação, ou seja, na falta de interesse em formar impressão sobre o outro. Na despersonificação o outro já não desperta sentimentos ou

sequer é percebido, nem mesmo é incluído para que depois seja excluído (Lima, 2016). Logo, este capítulo discute teorizações sobre a despersonalização de mulheres negras e as possíveis diferenças nesse processo, dependendo dos níveis de racismo, sexismo e objetificação da mulher.

O Capítulo III consiste no trabalho de adaptação e validação da Medida de Objetificação de Mulheres desenvolvida por Curran (2004) para o contexto brasileiro. A validação desse instrumento nos foi relevante para avaliar as crenças e as atitudes objetificantes dos homens em relação às mulheres. Essa medida é composta por 12 itens distribuídos em três fatores: (i) objetificação internalizada; (ii) desempatia e comentários como comportamento natural; e (iii) insulto a mulheres pouco atraentes. Tal estudo de validação possibilitou que a objetificação seja uma das variáveis relevantes desse programa de pesquisa.

Dando continuidade à visão geral deste estudo, o Capítulo IV foca o detalhamento metodológico de um estudo experimental que testou o efeito da cor de pele da mulher e do status profissional na despersonalização. Ainda, avaliou-se a objetificação, o sexismo e o racismo para uma melhor compreensão desse processo. O experimento se deu por meio da apresentação de um vídeo, que foi validado para o estudo. Além disso, o Capítulo detalha a caracterização dos participantes, dos instrumentos e de todos os procedimentos de coleta e análise de dados.

O Capítulo V apresenta todos os resultados encontrados na pesquisa. Nele estão presentes as variações dos diferentes índices de personificação e despersonalização expressas pelos homens sobre a mulher negra em relação à mulher branca. Assim como a influência do status profissional (funcionária *vs.* gestora) e dos diferentes níveis de racismo, sexismo e objetificação.

Por fim, o Capítulo VI apresenta as discussões e as considerações finais, refletindo sobre os resultados encontrados por esta pesquisa e sobre a possibilidade de ampliar as discussões gerais sobre a despersonalização de mulheres negras.

CAPÍTULO I

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CORPO FEMININO

1.1. O CORPO FEMININO COMO SISTEMA DE SIGNIFICAÇÕES

Para discutir a noção de corpo, recorreremos à psicologia social, à sociologia e à antropologia que nos possibilitam questionar as condições em que a mulher negra pode ser representada enquanto indivíduo na sociedade, que, por sua vez, se associa a outras disciplinas como a filosofia e a literatura para melhor visualizar as relações pelas quais os fatores sociais influenciam na concepção do corpo feminino. Neste capítulo busca-se definir os significados do corpo negro feminino em uma relação dialética entre as representações sociais ideológicas estruturadas desde um Brasil escravocrata e as relações socioeconômicas que instituem o lugar ofertado a mulher negra.

As conceituações do corpo feminino através da história da humanidade nos revelam características importantes dos fatos sociais, de ideologias e crenças perpetuadas e disseminadas pelo imaginário social. Nessa perspectiva, a teoria feminista abriu espaço para diversos estudos sobre as questões que estão atreladas ao significado do corpo feminino, colocando-o no centro da ação política e da produção teórica. Devido a isso, percebemos a importância de discorrer sobre uma breve visão acerca das possíveis conceituações do corpo no interior da teoria feminista. Começando por Simone Beauvoir, filósofa do feminismo igualitário, que em sua obra “*O segundo sexo*” concebe o corpo da mulher como um dos elementos essenciais para o lugar que ela ocupa no mundo, afirmando que o corpo por si só não é capaz de a definir, de forma que o significado de corpo só cria realidade quando assumido pela consciência por meio das ações e no cerne de uma sociedade.

Para a autora, os limites criados sobre as capacidades (sociais, políticas e econômicas) femininas estão atrelados à sujeição da mulher à espécie, partindo da concepção de que a opressão das mulheres é resultado da consequência de elas terem sido concebidas pela ideia de um corpo inadequado, isto é, feminino ou potencialmente maternal. Esses limites não partem simplesmente de um contexto social e histórico do corpo. É a ideia de fragilidade ou de vulnerabilidade do corpo feminino que as coloca em posição de subordinação social, ou seja, é uma visão de que a subordinação da mulher é, pelo menos de certo modo, justificada biologicamente, já que as mulheres eram vistas como menos aptas social, política e intelectualmente para participarem como iguais aos homens quando têm crianças ou cuidam delas (Grosz, 2000). Levando em consideração a época em que a autora viveu e desenvolveu seu estudo, é congruente pensar o sentido do corpo como um obstáculo a ser superado, para que, assim, se alcance a igualdade. Esse era um conflito vivido por uma parcela de mulheres (não negras) de meados do século XX.

Outras teóricas feministas, como Julia Kristeva e Nancy Chodorow, apresentam uma noção de construção social da subjetividade, distanciando-se do posicionamento de Beauvoir. As autoras pensam o corpo de maneira positiva ao não vê-lo como um obstáculo a ser superado, mas como um objeto biológico marcando socialmente o masculino e o feminino como corpos distintos, atravessados por atitudes, crenças e valores, em virtude do corpo ser pensado como construção social e representações ideológicas. As teóricas do construcionismo social divergem da posição das feministas igualitárias e mantêm uma série de concepções teóricas distintas, incluído a crença de que não é a biologia em si, mas a maneira como o sistema social se organiza e atribui significados biológicos que oprime as mulheres. Entender as diferenças entre um corpo biológico e um corpo como objeto de representação é fundamental. Desse modo, a tarefa seria atribuir significados, crenças e valores diferentes, não mudar o próprio corpo (Grosz, 2000).

Divergindo das autoras igualitaristas e das construcionistas sociais, teóricas como Luce Irigaray, Hélène Cixous, Gayatri Spivak e Judith Butler, entre outras, concebem o corpo como objeto cultural. Aqui o corpo é visto com algo essencial para compreender a existência psíquica e social da mulher, no entanto não é mais pensado como um corpo a-histórico, biologicamente dado, não cultural. Grosz (2000) salienta que tais autoras estão preocupadas em compreender o *corpo vivido*, a maneira como o corpo é representado e utilizado em culturas diferentes. E acrescenta que, para elas, o corpo não é ativo nem passivo, mas está constantemente envolto por sistemas de significações e representação e se constitui a partir de dois pontos diferentes: se, por um lado, é um corpo significante e significado, por outro, é visto como um objeto de sistemas de coerção social, trocas sexuais e econômicas. Esse grupo de filósofas pensa o corpo como um objeto político, social e cultural e não como um produto de natureza crua, o corpo não é visto como algo de natureza passiva, que é civilizado.

Desse modo, Xavier (2021) considera a importância de compreender o corpo feminino mais em sua concretude histórica, social, política e cultural do que em sua concretude biológica. As mudanças sociais conseguem, de certa maneira, modular a ideia simbólica que construímos sobre o corpo feminino e, a partir dessa ideia, de um corpo que carrega os constructos sociais que Frank (1996), em uma visão mais sociológica, propõe em seu estudo “*For a Sociology of the Body: an Analytical Review*”. Propondo uma relação estreita entre corpo e sociedade, o autor considera a noção de corporalidade, um corpo social, como uma constante neutra, refletindo tanto os princípios de classe quanto a dominação de gênero. Dessa maneira, a sociologia do corpo propõe pensar as instituições partindo da ótica do estudo dos significados atribuídos ao corpo, pois possibilita analisar as práticas sociais vigentes atribuídas às representações dos corpos, uma vez que as representações corporais são orientadas pelos e para os contextos sociais (Frank, 1996).

Pierre Bourdieu (2012) contribui para a construção da teoria da sociologia dos corpos, propondo que o poder androcêntrico produz no corpo traços indelévels. Para Bourdieu, o corpo é um lugar prático, responsável por transportar a identidade de cada indivíduo, acontecimentos históricos e controle social, como agenciador da própria cultura. É no corpo que as ideologias, as hierarquias sociais e de gênero e toda a carga cultural serão impressas, a ponto de assinalar esses corpos como corpos controle, marcados e moldados pela própria cultura. A divisão entre os sexos que, segundo Bourdieu (2012), parece estar na “*ordem das coisas*”, para falar sobre o que é natural e normativo; os significados do corpo estão incorporados no *estado das coisas* e em todo o âmbito social, funcionando como uma matriz das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade. É o princípio da divisão social que norteia as diferenças do corpo e é por meio da diferença social construída que produzimos alicerces sobre as relações de dominação e crenças sobre a subjetividade que compõe os corpos.

Tal composição esteia a teoria de Bourdieu (2012) sobre “dominação masculina”. O autor descreve que tal dominação é proveniente de uma formação social alicerçada nos interesses de uma ideologia dominante (decorrente de uma violência simbólica) que se estrutura e se mantém por meio de estratégias de naturalização dos estereótipos e das crenças construídas ao longo da história e impressas no corpo feminino. Bourdieu (2012) cita os estudos de Yvonne Knibiehler, que demonstram como os anatomistas do século XIX, ampliando os discursos dos moralistas, tentam de diversas maneiras encontrar no corpo da mulher a justificativa para o estatuto social que lhe é imposto, utilizando como recurso as diferenças entre o corpo físico (masculino e feminino), razão e sensibilidade, passividade e ação. Assim, certifica-se que os corpos ganham significado por meio da cultura e por meio dela são constantemente modificados (Rossini, 2014).

Em conjunção com esse pensamento, teóricos da psicologia social, como Denise Jodelet (1984), salientam a importância do corpo a partir da perspectiva das representações sociais,

pois tais representações assumem um papel importante na construção simbólica e coletiva de perceber e viver o corpo. Para Jodelet (1986) e Moscovici (1978), as representações sociais são construídas a partir de um agrupamento de informações e significados que permitem ao sujeito dar sentido aos novos acontecimentos ou a fatos já conhecidos por meio de conhecimentos compartilhados entre as pessoas. Portanto, as representações sociais são um conjunto de conceitos, crenças, normas e valores construído no decurso das relações entre as pessoas.

Jodelet *et al.* (1982), em um estudo sobre os sistemas de representação em grupos sociais, pesquisaram as implicações das mudanças culturais em relação ao corpo. Elas propuseram três categorias relacionadas às representações do corpo: (i) funcionalidade do corpo, em que as pessoas tendem a atribuir importância a ser saudável, a ser jovem, a manter uma boa forma física e a ter um equilíbrio emocional, além de preservar um padrão estético dominante; (ii) considerações morais, em que as pessoas necessitam ser disciplinadas em conformidade com as normas, valores e crenças sociais e estabelecer respeito por si e pelo outro; (iii) narcisismo, em que as pessoas que compõem essa categoria consideram a importância de zelar pelo prazer pessoal e do outro. De certo que nem todas as mulheres conseguirão corresponder às exigências do padrão estético dominante, porque tais padrões não foram feitos para serem atingidos por toda e qualquer mulher.

Nesse sentido, Jodelet (2000) descreve que a imagem, a característica externa do corpo funciona como um mediador do lugar social no qual o indivíduo está ou será inserido. Por essa razão, percebe-se que existe um elo entre o corpo e a identidade. Sobre influência das diversas imposições culturais, os corpos assim como as identidades são constantemente remodelados às novas circunstâncias que lhes são impostas (Rossini, 2014).

Para Tajfel (1983), o sujeito se constrói em sociedade, ou seja, reconhece sua identidade a partir dos termos definidos socialmente e, como vivem em sociedade, tais termos tornam-se realidade, assim, as representações construídas sobre o corpo estabelecem de certa maneira

uma relação com a identidade que a pessoa cria sobre si mesma. Esse é um processo que Tajfel (1983) define como identidade social. A identidade não existe como algo imutável à vida, é construída a partir das realidades sociais, muda com elas e inclui sempre a percepção de sujeito sobre os outros. Assim a identidade não acontece em um vazio social, mas em um contexto onde os diversos grupos mantêm relações concretas de poder.

De acordo com Frank (1996), o corpo é um processo e Xavier (2021) complementa essa ideia quando diz que as representações do corpo necessitam ser vistas como um caminho para compreender as práticas sociais em vigor de uma sociedade em determinados períodos. São nos corpos que serão impressos os sentidos e os valores da sociedade.

Adotando essas perspectivas, pode-se afirmar que os processos simbólicos construídos sobre a pessoa negra são resultantes de um discurso de apropriação e internalização simbólica que foi construído pela cultura brasileira, inicialmente decorrente do processo de colonização e escravidão e que permanece de diversas maneiras até os dias atuais.

1.2. O CORPO NEGRO FEMININO ENQUANTO SÍMBOLO SOCIAL

“A vida é igual a um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro ” (Carolina Maria de Jesus, p.167).

Pensar sobre o corpo negro feminino significa trilhar caminhos que revelem acontecimentos históricos, características e categorias sociais marcadas pelos contextos sociais do Brasil. O corpo opera como um signo, encarregado por reproduzir e refletir uma estrutura social e dar-lhe sentido. Dessa maneira, cabe refletir sobre o lugar e de que maneira o corpo da mulher negra é configurado no ambiente social e qual papel o seu corpo ocupa na sociedade.

Decorrente dos processos políticos com ênfase no patriarcalismo e das divisões de classe e raça, a mulher negra experimenta diversas formas de violência materiais e simbólicas

em seu corpo, tendo sua identidade comprometida e deteriorada por estigmas da cultura e da sociedade, sobretudo pela diferença antagônica que assinala seu corpo negro marcado como um “defeito de cor” em contraposição ao corpo branco (Rossini, 2014).

O corpo da mulher negra sofre mudanças simbólicas decorrentes das dominações estabelecidas pelas relações socioeconômicas e culturais que determinam lugares sociais de subalternidade, pelas categorias étnico-raciais dominantes e pelas relações de dominações de gênero. A dominação de gênero-raça masculina branca, por exemplo, institui valores, normas e disciplinas em sua representação subjetiva, de tal modo que o corpo da mulher negra passa a ser constituído como algo a ser consumido, para servir e para ser dominado – “um corpo objeto” (Rossini, 2014, p.48).

Para entender esse processo, é importante discutir algumas das conjunturas sociais nas quais a mulher negra brasileira foi socializada, considerando o entrecruzamento dos pertencimentos de raça e gênero da hierarquia social. Se pensarmos no período da escravização, as pessoas brancas estabeleceram uma hierarquia baseada na raça e no gênero. De acordo com Bell Hooks (2014), a hierarquia social seria classificada da seguinte maneira: primeira categoria é conferida ao homem branco, a segunda categoria à mulher branca (muitas vezes encontrava-se na mesma posição do homem branco), a terceira categoria ao homem negro e somente em quarta categoria a mulher negra. Isso significa, em termos de “política sexual da violação”, que, se uma mulher branca fosse violada por um homem branco, tal violência seria vista como mais significativa, mais importante do que muitas mulheres negras violadas por um único homem branco. Essa concepção partiria da representação criada desde o período escravista de conceber a mulher negra como sexualmente descontrolada e, por ter uma natureza selvagem, não-humana, animalesca. Logo, violá-la não era visto como violência.

Uma teoria que argumenta sobre a desvantagem que as mulheres negras têm em relação às mulheres brancas é a hipótese da “dupla ameaça” que discute que as mulheres negras sofrem

um duplo golpe: o do racismo e o do sexismo (Beale, 1970). Dessa maneira, as mulheres negras são consideradas piores do que as mulheres brancas e os homens negros porque estão sujeitas tanto ao racismo quanto ao sexismo. Nessa mesma perspectiva, Hordge-Freeman (2019) afirma que o processo de centralidade do corpo em representar os contextos sociais revela também a influência sobre o acesso aos recursos econômicos e educacionais. Para a autora, “o corpo é considerado um terreno importante para negociar a desigualdade” (Hordge-Freeman, 2019, p.102).

Para discutir o capital racial incorporado nas hierarquias sociais e raciais, é necessário levar em consideração não somente uma estrutura essencializada das hierarquias raciais, mas é preciso também compreender como as mulheres negras lidam com as limitações que as arrastam para os processos de racialização. Com o intuito de tornar visíveis esses processos, a autora propõe discutir três conceitos: *capital afetivo*, *capital racial incorporado* e *fluência racial*. Em um sistema racializado, os recursos afetivos são ofertados de maneira desigual. Isso significa que o capital afetivo relacionado aos recursos emocionais e psicológicos que uma pessoa recebe por ser positivamente avaliada é diferente daquele recebido por uma pessoa que tem uma avaliação negativa, cujos traços físicos e comportamentais se distanciam da norma hegemônica branca. Ou seja, uma pessoa com mais recursos emocionais teria mais facilidade com questões de autoestima, por exemplo, do que as negativamente avaliadas.

Baseando-se na noção de capital cultural de Pierre Bourdieu, referente às propensões e sensibilidades adquiridas ao longo da vida, Hordge-Freeman (2019) discute o conceito de capital racial incorporado, sugerindo que quanto mais uma pessoa negra se assemelha com os modelos ou os padrões do grupo dominante – uma pessoa branca –, mais chances ela terá de alcançar recursos econômicos e afetivos. Ou seja, o capital racial incorporado é referente ao que está em jogo na adaptação às normas construídas sobre uma aparência racial. Dessa maneira, tanto o capital afetivo quanto o capital racial incorporado se retroalimentam. No entanto, a autora

ressalta a importância de não percebermos as influências da racialização social como uma naturalização da reprodução das hierarquias sociais. A fluência racial é referente ao processo de manipulação e negociação das normatividades raciais que cotidianamente são desenvolvidas e aprendidas por meio de esforços dos familiares e de pessoas próximas, ou seja, é referente à maneira como as pessoas lidam com os obstáculos estruturais construídos socialmente e apoiam-se em estratégias ideológicas (Hordge-Freeman, 2019).

Em confluência com o pensamento de Hooks, cabe aqui questionar os estereótipos expressos sobre as mulheres negras por diversos autores brasileiros, dentre eles Gilberto Freyre (2003), quando propôs que as mulheres negras foram as primeiras donas de casa para os homens brancos. O autor também afirmou que as mulheres negras foram obrigadas a manter relações sexuais, tanto na senzala quanto na casa-grande. Na senzala, essas relações sexuais forçadas objetivavam aumentar a quantidade de escravos para o trabalho no campo, já na casa-grande serviam para o prazer dos senhores de engenho, sendo objetificadas sexualmente. Como descrito pelo autor:

(...) do menino sempre rodeadinho de negra ou mulata fácil – talvez expliquem por si sós, aquela predileção. Conhecem-se casos no Brasil não só de predileção mas de exclusivismo: homens brancos que só gozam com negra (...) um jovem de conhecida família escravocrata do Sul para excitar-se diante da noiva branca precisou, nas primeiras noites de casado, de levar para a alcova a camisa úmida de suor, impregnada de budum, da escrava negra sua amante. Casos de exclusivismo ou fixação. Mórbidos, portanto; mas através dos quais se sente a sombra do escravo negro sobre a vida sexual e de família do brasileiro (FREYRE, 2003, p.192).

Santos e Sales (2018) reiteram, que, além da objetificação descrita por Freyre, é possível identificar a maneira como o autor naturaliza a relação de propriedade que o colonizador atribui às mulheres negras escravizadas. De tal modo que, ainda seguindo a hierarquia social apresentada por Hooks (1981), Gilberto Freyre naturaliza a mulher negra como

“objeto” de exclusividade, simultaneamente e conseqüentemente consolidando um lugar, um papel, uma iconografia para essa mulher no imaginário social, entranhado no machismo, no racismo e no sexismo (Santos & Sales, 2018).

Em contraposição a Freyre, Gonzáles (1984) explica que a violência simbólica, como citada anteriormente, é a mesma que está presente na maneira como as mulheres negras são hipersexualizadas e como a representação do seu corpo assim como seu lugar social encontram-se ideológica e hegemonicamente demarcados. As demarcações, tanto do lugar social quanto da representação de seu corpo, estão presentes em diversas iconografias da literatura brasileira. Muitas representações, geralmente atribuídas aos corpos das mulheres negras, remetem a imagens de lascividade, imoralidade, malícia, permissividade, sensualidade e desejo, representadas pela cultura branca como um corpo objetificado, percebido como destituído de subjetividade, integridade e individualidade. Esse mesmo corpo foi representado na literatura nacional de maneira erotizada, detalhando o corpo de pele morena e negra como desfrutáveis, reduzindo-os, assim, às mesmas concepções de esferas carnais ou a meros objetos de mão de obra servil (Duarte, 2009; Rossini, 2014).

Desse modo, observa-se que o corpo da mulher negra foi destituído de sua condição humana e visto apenas como instrumento para satisfação sexual, procriação e trabalho, imagem construída desde o período escravocrata. Sobre essa perspectiva, Bell Hooks (1995) afirma que os corpos femininos negros no período da escravidão eram utilizados como incubadoras para gerar pessoas para servirem como escravos. Para justificar tal exploração e estupro das mulheres negras durante a escravidão, a cultura hegemônica branca produziu uma iconografia de corpos de mulheres negras como dotados de grande desenvoltura e apetite sexual, uma perfeita encarnação de erotismo primitivo e desenfreado (Hooks, 2019).

Para Hooks (2019), as representações dos corpos das mulheres negras raramente subvertiam ou criticavam as imagens sexualizadas das mulheres negras construídas no seio da

cultura racista do século XIX e que ainda molda algumas percepções atuais. Em muitas ocasiões no período escravista, por exemplo, as mulheres negras eram objetificadas para a comercialização, de maneira que ficavam de pé nos tablados para serem leiloadas, enquanto os donos e compradores descreviam suas partes importantes, as mais vendáveis. Um exemplo significativo é o caso de Sarah Baartman, também conhecida como a “Venus Hetentote”. No século XIX, Sarah foi levada da África para a Europa, sem que ela soubesse disso, para fazer parte de apresentações circenses na categoria de animais exóticos devido às características de seus traços físicos: nádegas e lábios protuberantes, quadris largos e baixa estatura. Seu corpo foi exibido em diversos espetáculos por anos, chegando, inclusive, a ser vendida a um exibidor de animais.

Quando Sarah morreu, seu corpo foi mutilado em partes para servirem como objeto de estudo. Partes do seu corpo eram apresentados como evidências racistas de que pessoas negras eram mais próximas dos animais do que de seres humanos. Essas representações culminam com outras práticas racistas que retratam os corpos negros como selvagens e sub-humanos (Hordge-Freeman, 2019). Os estudos realizados no corpo de Sarah Baartman, antes e depois da sua morte em 1815, acentuavam a justificativa de exploração de uma população por outra, no caso, de brancos sobre negros.

Imagem: Sarah Baartman (1789 – 1815)¹



Embora algumas partes isoladas do corpo feminino negro despertem cobiça, sejam atraentes, assim como o tamanho das nádegas, isso não desconstrói a hierarquia racial. Pelo contrário, ao erotizar partes do corpo das mulheres negras não somente se acentua o patriarcado, como se intensifica a objetificação sexista-racista (Hordge-Freeman, 2019). Dessa maneira, no que diz respeito às formas de representar a mulher negra, os estereótipos contribuem de maneira decisiva para esquadrihar e classificar cada parte do seu corpo a fim de que não reste dúvidas do quanto ele é proposto como diferente (Neto, 2015).

Cada parte do corpo passa a ser analisada: os lábios, as nádegas (destacada de diversas maneiras como salientes, grandes, empinadas), a textura dos cabelos, a cor da pele, dentre outras. Tais denominações servem para disseminar e imprimir no imaginário social a ideia de mulher negra. Nesse sentido, as representações sociais são salientadas para confirmar a suposta deformação do corpo feminino negro, ao mesmo tempo em que atribuem a esse corpo características que acentuam o teor sexual nele presente (Braga, 2011).

O processo de racialização inclui a beleza também como fator de distinção entre brancos e negros. Historicamente, a supremacia branca dependia dessa dicotomia para se distanciar

¹ Mulher originária do grupo Khoi, escravizada na região da atual África do Sul, levada para Europa e exibida publicamente na Grã-Bretanha e França do século XIX onde ela ficou conhecida como “Vênus Hotentote”. **Fonte da imagem:** Biografia de Mulheres africanas, disponível em <https://www.ufrgs.br/africanas/sara-baartman-1789-1815/>

daquilo que para eles era considerado animalesco. As diferenças da aparência física de pessoas negras em relação às pessoas brancas serviam como suposta prova irrefutável de que suas características podiam ser atreladas à falta de moralidade, justificando a escravidão e o controle branco. Esse sistema de opressão racial se reflete ainda hoje na maneira como as pessoas negras no Brasil são categorizadas e no modo pelo qual os corpos negros têm sido objetificados como ruins, degradados ou de natureza sexual primitiva (Hordge-Freeman 2019). Um estudo, realizado por Lima, Rodrigues e Santos (2022) sobre as preferências estéticas por exemplares de beleza e feiura no Brasil, evidenciou que há uma maior acessibilidade cognitiva em reconhecer celebridades brancas na mídia nacional como parâmetro de beleza ou feiura, o que indica o maior número de representação branca na TV brasileira. Outro ponto relevante é que os negros eram com mais frequência lembrados como exemplo de feiura do que de beleza.

O simbolismo estético incorporado nos corpos negros de que eram inferiores aos brancos imputava para as mulheres negras normas sociais que mantinham de pé essas fronteiras. Parte desse padrão estético é resultante da avaliação que o outro faz sobre aquele que está sendo visto. Ou seja, o julgamento estético baseia-se, implicitamente, pelo reconhecimento de gênero e pela colocação social que àquela pessoa é atribuída. No Brasil, as mulheres negras escravizadas eram proibidas de usar cores, calçados ou roupas que fossem considerados superiores a elas, para que ficasse visível as distinções e o lugar de subalternidade a elas impostos (Hordge-Freeman, 2019).

Lima (2016) descreve a desumanização como um processo de negação completa da humanidade a alguém praticado por outra pessoa que julga ser superior, mais humano que o outro. Um fenômeno comum e cruel na construção da história da humanidade que se inicia desde os “descobrimientos” de terras, período em que os europeus construíram a ideia de tornar sua própria aparência física e sua cultura como critérios de humanidade (Jahoda, 1999).

Contribuindo com essa ideia, Nogueira (1998) descreve que o processo de desumanização na vida de pessoas negras tem como consequência dificultar o reconhecimento de sua subjetividade, na medida em que a desumanização bloqueia a possibilidade de as pessoas negras se identificarem com os outros nas relações sociais. Dessa maneira, o único contexto de identificação possível seria com outros negros. No entanto, na mesma instância que todos se identificam entre si, a exterioridade social os identifica como não-indivíduos, como coisas, peças ou mercadoria possuídas por aqueles considerados como indivíduos sociais plenos.

A escravidão instituiu um padrão normativo para seres humanos, utilizando-se das diferenças físicas (biológicas) como justificativas que aproximavam as pessoas negras dos animais e das coisas, de maneira a constituir o negro como objeto de posse dos brancos (Nogueira, 1998). Quanto mais as pessoas são desvalorizadas e desumanizadas, mais elas podem ser percebidas como objetos do que como seres humanos e menos as violências perpetradas contra elas causam comoção (Staub, 1989, citado em Lima, 2016).

Souza (1990) descreve em seu livro “Tornar-se negro” que os fatores estéticos também funcionam como norteadores para o reconhecimento da identidade, destacando a estética negra como uma das primeiras vertentes de rejeição da identidade por entender que tal estética não se adequa ao padrão estético branco. Para Souza (1990), a aparência física do negro foi e é marcada pelo contexto social que inclui as crenças ideológicas de supremacia racial que cotidianamente definem as relações inter-raciais. Essas relações atravessadas pelo racismo estabelecem um dualismo racial que deprecia as características do negro e superioriza a estética branca, revelando, assim, as dificuldades de o negro tornar-se pessoa.

O negro não era persona. Não era um cidadão nascido livre, como pessoa jurídica; na condição de escravo, não era pessoa; seu estatuto era o de objeto, não o de sujeito. Assim, o negro foi alijado do corpo social, única via possível para se tornar indivíduo (Nogueira, 1998, p.35).

É nesse sentido que Nogueira (1998) abre a discussão sobre a construção da identidade do negro. Para ela dois pontos ressoam como cruciais e de maneira simultânea: primeiro, a dificuldade de o negro construir sua identidade social enquanto pessoa negra, como um indivíduo pertencente ao grupo dos negros; segundo, a mesma dificuldade, no entanto, em se constituir como indivíduo no interior do corpo social como um todo. Para a autora, esses desafios são frutos, por um lado, do não-lugar social do escravo, em que a identidade não correspondia a um lugar de sujeito, mas sim de um lugar de objeto; de outro, da circunstância de ter adquirido juridicamente o estatuto de cidadão, de indivíduo social, mas de não poder de fato se identificar com esse lugar no plano econômico, de onde permanece excluído ou subalternizado.

1.3 O CORPO ENQUANTO OBJETO

Com base nas discussões anteriores sobre o simbolismo impresso na corporalidade das mulheres, em especial das mulheres negras, fica evidente a necessidade de discutir o efeito despersonalizador da objetificação e suas implicações nas diferentes maneiras de categorizar a mulher negra.

Os estudos sobre a objetificação revelam que essa é uma questão central na vida das mulheres de tal maneira que a experiência da objetificação parece ser sinônimo das mulheres como acontece com o gênero feminino. A objetificação é entendida como uma redução do estatuto de ser humano, de persona, com emoções, sentimentos e vontades próprias em prol de interesses de terceiros, reduzindo esse ser humano a um mero instrumento, uma coisa, um objeto (Nussbaum, 1995). Isso porque a objetificação produz uma existência na qual as mulheres podem ser pensadas por terceiros apenas como coisas que servem aos interesses do objetificador. Catharine MacKinnon usa uma metáfora para ilustrar como esse fenômeno acontece: “Todas as mulheres vivem a objetificação como os peixes vivem em água”. Isso

significa que a objetificação envolve o íntimo das mulheres a ponto de serem pensadas pelo outro como se elas derivassem da própria objetificação. O problema disso é que as mulheres não são peixes, logo a objetificação inibe o direito das mulheres de cultivar sua autoexpressão e autodeterminação (Nussbaum,1995).

Para Nussbaum (1995), a objetificação é comumente entendida como um termo pejorativo, conotando uma maneira de falar, pensar e agir que o sujeito ache moralmente ou socialmente questionável, nem sempre referido ao contexto sexual. Historicamente, as mulheres são definidas de formas objetificadas com mais frequência do que os homens (Nussbaum, 1995). As mulheres negras têm esse lugar de objetificação acentuado também pelo racismo e pelo capital simbólico atrelado à cor de sua pele. Para alguns autores (Fredrickson & Roberts, 1997; Heflick *et al.*, 2011; Saguy *et al.*, 2010), a associação feita entre as características físicas e os valores das mulheres abre caminhos para a objetificação delas. Sob essa ótica, os autores enunciam dois pontos principais que conduzem a ações objetificadoras: (i) as interações sociais centralizadas no corpo das mulheres e (ii) as influências das mídias, que disseminam representações objetificadas das mulheres, poucas vezes discutidas ou questionadas.

Para explicar melhor alguns processos que conduzem à objetificação, as autoras Fredrickson e Roberts (1997) explicam que as ações objetificantes acontecem por meio do olhar ou da inspeção visual do corpo feminino. Tais atitudes podem ser compreendidas por meio de três arenas relacionadas (em contexto americano). O primeiro campo está relacionado aos encontros interpessoais e sociais reais (nas ruas, no trabalho, nas escolas, dentre outros). Nesse aspecto, as mulheres estão mais propensas do que os homens a se sentirem olhadas e avaliadas em encontros interpessoais; os homens dirigem com mais frequência olhares não recíprocos para as mulheres e geralmente esses olhares vêm acompanhados de comentários

sexualmente avaliativos, que tendem a serem mais depreciativos quando atribuídos às mulheres negras.

O segundo campo do olhar objetificador ocorre em mídias visuais que retratam encontros interpessoais e sociais. Em uma análise de anúncios publicitários, Fredrickson e Roberts (1997) descreveram que os homens são retratados olhando diretamente para as mulheres com um olhar *sexualizante* com mais frequência do que acontece em uma situação contrária.

A terceira arena, e possivelmente a mais insidiosa, refere-se à maneira pela qual o olhar objetificador infunde nas relações das pessoas com a mídia visual. É possível perceber que a mídia tende a destacar com mais frequência as partes do corpo feminino e alinha a atenção dos espectadores para um olhar sexualmente implícito. Essa reprodução visual não se restringe apenas à pornografia, ela está presente em filmes, músicas, programas de televisão e artes visuais. Cada um desses contextos fornece evidências de que os corpos das mulheres são alvo de objetificação com mais frequência do que os de homens (Fredrickson & Roberts, 1997).

Entrelaçado à avaliação do corpo feminino, está o padrão de beleza física, outro aspecto da objetificação que consequentemente influencia a relação de poder social e econômico das mulheres. Entretanto, esse valor social e econômico concedido pela beleza varia de acordo com os subgrupos aos quais diversas mulheres pertencem. Por exemplo, para que a beleza física seja revertida em valor econômico e status social é necessário que tal beleza corresponda a expectativas ou exigências do grupo dominante (homens brancos). Dessa maneira, as mulheres que compõem subgrupos como o de negras, lésbicas e pobres, por exemplo, que enfrentam os efeitos do racismo, da homofobia e do classicismo, dificilmente alcançarão beleza física e o mesmo poder econômico e social que as mulheres brancas que correspondem aos interesses do grupo dominante. (Fredrickson & Roberts, 1997).

Alguns autores, como Bartky (1990), Jeffreys (2005) e Wolf (1990), apontam que o corpo feminino na cultura ocidental é o principal alvo para a objetificação, transmitindo uma mensagem de que o valor social feminino é determinado por sua aparência, em vez de aspectos como competência, e de que seus desejos e necessidades são secundários aos dos homens.

Nessas perspectivas, a objetificação sexual se apresenta como uma maneira de justificar quais mulheres serão objetificadas. Ou seja, a objetificação sexual parte primariamente de uma avaliação sobre os corpos das mulheres, valorizando-as apenas para o prazer sexual e reduzindo-as a objetos intercambiáveis para a satisfação dos desejos masculinos (Bartky, 1990). Fredrickson e Roberts (1997) argumentaram que a objetificação sexual vai além da seara pornográfica para a cultura em geral e que a normatividade sobre a aparência física feminina leva as mulheres a terem a perspectiva de outras pessoas sobre seus corpos.

Nesse sentido, é perceptível que muitas mulheres aprendam desde a infância que seus corpos estão sujeitos a constante observação e avaliação como um objeto em potencial. A teoria da objetificação também preconiza que o ambiente cultural objetificador influencia as mulheres a absorverem os comportamentos objetificantes e a tratarem a si mesmas como objetos a serem avaliados de acordo com sua aparência física. Ou seja, elas internalizam, como se fosse um processo natural, a percepção de objetificação sobre seus corpos, avaliando-se como um indicativo de atratividade e valor social para os outros, ao invés de construírem uma perspectiva corporal sobre si mesmas – processo chamado de auto-objetificação (Calogero *et al.*, 2011; Fredrickson *et al.*, 2011; Fredrickson & Roberts, 1997).

A auto-objetificação acontece por meio da prática da autovigilância e do policiamento frequente das mulheres sobre sua aparência corporal. O monitoramento corporal que resulta da auto-objetificação pode ser melhor visto como uma estratégia que muitas mulheres desenvolvem para ajudar a determinar como outras pessoas as tratarão, o que tem implicações claras para sua qualidade de vida (Fredrickson & Roberts, 1997; Calogero, *et al.*, 2011). Outras

perspectivas sobre a objetificação ressaltam a influência das questões de gênero e, segundo Nussbaum (1995), a objetificação pode ser analisada pela influência decorrente da presença e/ou da simultaneidade de um ou mais fatores.

Sendo assim, não devemos relacionar a objetificação somente ao seu caráter sexual. Afastando-se desse cariz, Nussbaum (1995) leva em consideração as influências nas questões de gênero sobre o fenômeno e descreve sete conceitos basilares que envolvem diversos fatores sociais presentes no processo de objetificação: (1) Instrumentalidade: ocorre quando uma pessoa é tratada como objeto ou como uma ferramenta para os propósitos de quem a objetiva; (2) Negação de autonomia: acontece quando a pessoa objetificada é tratada como desprovida de autodeterminação; (3) Inércia: imprime a ideia de que o objeto é desprovido de ação; (4) Fungibilidade: acontece quando a pessoa objetificada é vista como intercambiável com outros objetos; (5) Violabilidade: acontece quando o objetificador trata a pessoa como alguém que perdeu sua integridade, passando a ser percebida como algo que pode ser invadido por terceiros, quebrado, esmagado; (6) Propriedade: ocorre em circunstâncias nas quais o objeto é visto como propriedade, passível de ser comprado ou vendido; e, por fim, (7) Negação de subjetividade: percebido quando os sentimentos e as experiências daquele que está sendo objetificado não são importantes, são desvalorizados ou não são percebidos.

Cada um desses fatores são características do modo como nós comumente tratamos as coisas, embora, nem sempre tratamos todas as coisas como objetos. Nussbaum (1995) sugere que tratar as coisas como objeto não significa objetificar. A objetificação acontece quando tratamos como coisa aquele que não pertence a tal categoria. Dessa maneira, podemos ver nos diferentes tipos de objetificação um conjunto de atitudes familiares em relação às coisas, que parece desempenhar um papel na explicação feminista da objetificação das pessoas.

Embora a tipologia da objetificação se distancie da ideia central de uma objetificação puramente sexual, ela envolve o processo de separação do ser humano, o qual deixa de ser visto

como um todo composto de subjetividade, particularidades e individualidades e passa a ser percebido como um instrumento (Nussbaum, 1995). Essa segmentação, muitas vezes, tem o objetivo de evidenciar um elemento do corpo da mulher para realçar seu cariz sexual ou reduzi-la a um objeto de trabalho ou troca, no mesmo momento que constrói um aspecto caracterizador estereotipado de toda uma identidade e um pertencimento social.

A negação da autonomia e a negação da subjetividade, dois itens dessa tipologia, nos chamam muito a atenção, porque se relacionam a elementos da despersonalização, na qual as questões de autonomia e reconhecimento de subjetividade de uma dimensão psicológica particular são negadas ou não reconhecidas pelo outro.

A desapropriação da identidade por meio da objetificação, ou seja, da despersonalização do sujeito, reflete um exercício de poder assimétrico que impõe ao indivíduo objetificado um estatuto de inferioridade, de subalternidade, enfim, de não-pessoa diante dos interesses daqueles que o objetificam. Dito isso, a autora sinaliza que o problema da objetificação está atrelado ao fato de se tratar como objeto aquele que não é um objeto, uma coisa, e sim um ser humano.

No próximo capítulo, apresentaremos aspectos de dois fenômenos discriminatórios – o racismo e o sexismo – e de que maneira esses fenômenos, quando pensados de maneira interseccional, agem como um duplo golpe nas experiências vividas pelas mulheres. Além disso, discutiremos os processos de despersonalização, isto é, os processos de não reconhecimento da mulher enquanto pessoa.

CAPÍTULO II

RACISMO E SEXISMO DESPERSONIFICAÇÃO

2.1 RACISMO E SEXISMO: UM DUPLO EFEITO PARA A PERSONIFICAÇÃO DE MULHERES

Se fizermos uma breve análise dos acontecimentos históricos, podemos observar as diferenças de valores quando nos referimos aos homens e às mulheres – conceitos construídos sobre a noção de gênero. As concepções a respeito das diferenças entre os sexos são reflexos biológicos, históricos, sociológicos, econômicos, entre outros. As diferenças de gênero (masculino e feminino) evidenciam uma relação de poder distribuído assimetricamente na sociedade. Tais diferenças estabelecem hierarquias de gênero, seja por meio das questões sociais, econômicas e políticas, seja mediante questões psicológicas. De tal forma que as hierarquias de gênero não podem ser pensadas separadas do contexto em que foram estabelecidas (Ferreira, 1995; Souza & Ferreira, 1997).

Há muitas maneiras de observarmos as diferenças construídas sobre os gêneros que evidenciam o favoritismo à masculinidade e conseqüentemente ao machismo, que levou os cientistas sociais a refletirem sobre as construções de gênero como uma prática prescrita socialmente (Formiga *et al.*, 2002). Dessa maneira, em termos de distribuição e reconhecimento de papéis, coube às mulheres cuidar da casa, do casamento e dos filhos; tais papéis, como o do matrimônio e sua sexualidade, expressavam um perfil de passividade entre as mulheres. Já ao homem coube o papel de assegurar o sustento da casa e ter liberdade, inclusive para ter relações sexuais extramatrimoniais (Borrelli, 1998). Em função dessas diferenças de papéis, as mulheres (em especial, mulheres brancas) passaram a ser vistas como frágeis e dependentes dos homens; os homens, por sua vez, eram vistos como aqueles que

detinham um poder de decisão e uma função expressiva para a manutenção da sociedade (Formiga *et al.*, 2002).

Essas diferenças assinalavam que as identidades de homens e mulheres eram construídas através da ideia que se tinha do sexo biológico. Dessa maneira, as “características” atribuídas a cada sexo biológico passaram a ser absorvidas desde a infância e reproduzidas ao longo da vida. Para Formiga (2010), é fundamental reconhecer que as diferenças entre homens e mulheres são resultado dos contextos históricos ou jurídicos, que nos possibilita compreender o *status quo* desse fenômeno, o qual vem com frequência sendo tratado como imutável, estabelecendo normas sobre como homens e mulheres deveriam se comportar em relações interpessoais. Assim esse fenômeno conduz à produção de novos sentidos para as categorias que são discriminadas, como as mulheres.

As diferenças construídas, hierarquizadas e subalternizadas nas relações de gênero denotam a existência do sexismo, conceituado como uma construção multidimensional que engloba conjuntos de atitudes, estereótipos e crenças sobre a maneira como o indivíduo deveria se comportar de acordo com o sexo (Glick & Fiske, 1996). Para Glick e Fiske (1996), o sexismo é um tipo de preconceito e, para explicá-lo, levam em consideração a definição de preconceito étnico de Allport (1954), que o considera como uma antipatia baseada em uma generalização falha e inflexível que pode ser sentida ou expressa, podendo ser dirigida a um grupo como um todo ou a uma pessoa apenas por fazer parte daquele grupo. Nesse caso, o sexismo é um preconceito marcado por uma profunda ambivalência, ao invés de uma antipatia uniforme em relação às mulheres (Glick & Fiske, 1996). Portanto, os autores propõem que existem outras formas de sexismo consideradas ambivalentes, que abrangem práticas discriminatórias tradicionais alicerçadas na percepção de inferioridade das mulheres, algumas mais hostis, outras mais sutis (Glick & Fiske, 1996).

A definição de sexismo não se limita apenas à noção tradicional de preconceito, como discutida por Allport (1995), porque, diferente de outras expressões de preconceito, o sexismo não é uniformemente negativo, ou seja, atinge a mulher de diferentes maneiras e parte desse aspecto a noção de uma manifestação preconceituosa ambivalente (Formiga *et al.*, 2002). Dessa maneira, o sexismo ambivalente apresenta simultaneamente dois conjuntos de crenças sexistas, hostil e benevolente, que se correlacionam em três subfatores: (i) o subfator do paternalismo: a expressão ambivalente do sexismo ocorre, porque é referente à maneira como se estabelece um relacionamento com uma mulher à semelhança da relação entre pai e filha, isto é, uma relação simultaneamente de domínio, de proteção e de afeto; (ii) o subfator diferenciação de gênero: refere-se à ideia de que os homens possuem habilidades diferentes das mulheres para assumirem papéis importantes, tais como dirigir instituições sociais; (iii) o subfator heterossexualidade: associada à crença de que o desejo sexual que as mulheres despertam geraria um domínio sobre os homens (hostilidade heterossexual), essa é uma crença que despertaria hostilidade em relação às mulheres.

Quando a relação com a mulher expressa um paternalismo dominante, ela possui as características do sexismo hostil, baseado nas crenças e nas atitudes de que as mulheres são incapazes e necessitam do domínio masculino. Já quando tal relação expressa um paternalismo protetor, ela corresponde ao sexismo benevolente, assumindo que a mulher é um ser frágil e, portanto, necessita ser protegida e mantida pelo homem. Nesse caso, o sexismo presente é o hostil. Em outra circunstância, o sexismo benevolente pode atribuir características positivas para as mulheres, mas não como protagonistas, como pessoas aptas a assumir papéis importantes para a manutenção da sociedade. As funções das mulheres, nesse caso, são complementares aos papéis que os homens possuem. Por outro lado, no sexismo benevolente, há a crença de que as mulheres que não têm um companheiro necessitam de ajuda (Glick & Fiske, 1996).

As expressões hostil e benevolente do sexismo possuem raízes biológicas e sociais comuns aos grupos humanos. O sexismo hostil é uma atitude mais flagrante do preconceito contra as mulheres, na qual a expressão do poder desigual entre homens e mulheres fica mais em evidência. Já o sexismo benevolente surge como uma visão supostamente positiva das mulheres; no entanto, compartilha de crenças sexistas hostis de que as mulheres deveriam ocupar papéis domésticos e que são frágeis (Glick & Fiske, 1996). Desse modo, o sexismo benevolente refere-se às crenças e atitudes aparentemente não preconceituosas e positivas em relação às mulheres, expressando paternalismo e descrevendo as mulheres como inaptas para atividades fora do lar (Formiga *et al.*, 2002).

O sexismo hostil estabelece a crença de que as mulheres são incapazes de exercer tarefas de poder nas esferas econômica, jurídica e política; enquanto o sexismo benevolente fornece uma racionalização para confirmar que as mulheres deveriam permanecer ocupando papéis domésticos. De fato, tanto o sexismo hostil quanto o benevolente servem para justificar o poder estrutural. Mas, o sexismo benevolente pode ser usado para compensar ou legitimar o sexismo hostil (Glick & Fiske, 1996).

Se o racismo pressupõe supremacia de uma raça sobre a outra, o sexismo estabelece que existe supremacia de um sexo sobre o outro. Apesar de serem fenômenos distintos que não ocorrem mutuamente, juntos compõem sistemas sociais que mantêm crenças de dominação e privilégio de um grupo (ou pessoa) sobre o outro (Krieger, 2020). Quando inserimos o fator raça no sexismo, torna-se perceptível que as mulheres negras sofrem aquilo que Beal (1970) chama de “duplo golpe”. A autora argumenta que há uma desvantagem e uma ameaça dupla, nas quais as mulheres negras são consideradas piores do que as mulheres brancas e do que os homens negros, porque estão sujeitas concomitantemente ao racismo e ao sexismo.

Pesquisas sobre as relações entre o sexismo e o racismo evidenciam que os estereótipos das mulheres negras diferem dos estereótipos das mulheres brancas e dos estereótipos dos

homens negros. Por exemplo, em comparação com as mulheres brancas, as mulheres negras tendem a ser percebidas como mais masculinas, fortes e independentes; enquanto que as mulheres brancas são percebidas como mais femininas, dependentes e emocionalmente mais frágeis e sensíveis (Sesko & Biernat, 2010).

Essas combinações entre racismo e sexismo podem ser compreendidas como fenômenos complexos e que estabelecem relações de poder que operam diferenças categoriais. Tais diferenças usam como referências as características físicas e as supostas diferenças biológicas para justificar atitudes e crenças tanto racistas quanto sexistas. É por tal motivo que as diferenças produzidas pelo racismo e pelo sexismo são com frequência naturalizadas e necessitam da validação atemporal. Outro aspecto dessas combinações está presente nas relações de poder estabelecidas pelo racismo e pelo sexismo que geralmente surgem vinculadas aos problemas sociais com uma dimensão cultural-avaliativa e político-econômica (Kerner, 2012).

Esclarecemos que não há aqui a intenção de tratar o racismo e o sexismo como problemas análogos, essa discussão concentra-se nos diversos entrelaçamentos e combinação entre ambos.

Em épocas anteriores, o racismo se estruturava como uma expressão flagrante, sem que houvesse receio algum em ser manifestado, como as explanações das teorias da superioridade racial construídas no século XIX pela ciência. Fragmentos desse racismo flagrante estruturaram o Apartheid da África do Sul e o regime separatista norte-americano chamado Jim Crow (Lima, 2020). Mais recentemente, as atitudes racistas passaram a ser fortemente criticadas, o que fez emergir uma nova expressão do racismo, o racismo cultural ou o “novo racismo”. Os novos racismos se estruturam na hierarquização das diferenças culturais e reduzem a cultura ao biológico. Dessa forma, o que acontece é uma assimilação da cultura à noção de raça (Lima, 2019). Lima (2019) aponta o ressurgimento de velhas expressões do racismo, como tem

acontecido com frequência no esporte e nas redes sociais, em que são dirigidas às pessoas que compõem as minorias expressões animalizadoras.

Lima e Vala (2004) descrevem que o racismo se constitui a partir de um processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou uma dada categoria social, que são vistos como diferentes por meio de alguma marca física externa ressignificada a uma marca cultural interna, que irá definir os padrões de comportamento desse sujeito ou desse grupo. Todas as manifestações de racismo se apresentam nas relações interpessoais e intergrupais e é por meio delas que as impressões que criamos sobre o outro e as que o outro cria sobre nós são gerenciadas (Lima, 2020).

Entretanto, o racismo também se configura de maneira sistêmica, pois está presente em outras arenas além das relações interpessoais. Desse modo, podemos destacar que as manifestações do racismo estão presentes em nível individual, cultural, estrutural e institucional. O racismo se trata de um fenômeno multinível e multicausado e a diferenciação do racismo em níveis funciona como uma estratégia teórica para estudo do tema. Em nossa vida cotidiana, somos racistas porque nossa cultura o é e isso compromete nossas instituições, que, por sua vez, retroalimentam o racismo individual, que sanciona o racismo cultural (Lima, 2020).

Devido às mudanças impostas pela legislação, a expressão do racismo tornou-se mais sutil (Lima, 2013). Já as novas expressões do sexismo, o sexismo ambivalente, constitui-se tanto de uma expressão mais hostil (sexismo hostil) quanto de expressões benevolentes (sexismo benevolente) (Glick & Fiske, 1996; 2011). Amorim *et al.* (2021) acreditam que a semelhança entre as novas expressões do racismo e do sexismo é devido às semelhanças formais de compreensão dos dois fenômenos, ou seja, do mesmo modo que o racismo moderno apresenta menos expressões flagrantes, criando uma ideia de que ele não existe, as novas formas de sexismo imprimem a ideia de que as mulheres já não sofrem mais discriminação.

Tal interseccionalidade entre o racismo e o sexismo busca explicar como as avaliações entre raça e gênero, desconsiderando as experiências subjetivas das mulheres negras, ocasionam equívocos avaliativos (Nichols & Stahl, 2019). Assim a intersecção entre o racismo e o sexismo passou a ser entendida como uma penalização dupla (Lewis & Grzanka, 2016).

A hipótese de Purdie-Vaughns e Eibach (2008) sobre a invisibilidade interseccional argumenta que as pessoas que pertencem a múltiplos grupos sociais minoritários experimentam a invisibilidade social como resultado do baixo status social (minorias) atribuído aos seus grupos. O estudo dos autores se baseia no pressuposto de que a sociedade estadunidense é tanto androcêntrica (centrada no masculino) quanto etnocêntrica (pessoa branca como padrão). Como resposta a tal hipótese, concluíram que o termo “negro” evoca na memória das pessoas a imagem de um homem negro, ou seja, o homem negro surge como protótipo da categoria “negro”; da mesma maneira que o protótipo da categoria “mulher” evoca na memória das pessoas uma mulher branca.

McMahon e Kahn (2016), analisando as relações entre o racismo e o sexismo ambivalente, perceberam que, ao salientar a categoria raça, o sexismo benevolente se torna mais expressivo de maneira supostamente positiva para as mulheres brancas em relação às mulheres negras. Quando se manipulam práticas sexuais (castidade ou promiscuidade), as mulheres negras sofrem com mais frequência o sexismo benevolente. Ou seja, quando a categoria raça e gênero entram em questão, há uma mudança significativa na percepção e na avaliação das mulheres. A diferença se apresenta da seguinte maneira: quando se leva em consideração o sexismo benevolente (mais sutil), ele é geralmente associado a mulheres brancas como algo aparentemente positivo. No entanto, quando o aspecto em questão é a sexualidade, em que culturalmente a mulher negra é associada a estereótipos negativos, esse grupo geralmente é associado ao sexismo hostil.

Em uma análise sobre protótipos ou características típicas, Sesko e Biernat (2010) concluíram que as pessoas tendem a lembrar menos dos rostos e das contribuições convencionais de mulheres negras em comparação com mulheres brancas e homens negros. As autoras discutem que isso acontece até mesmo entre os participantes mais igualitários, aqueles que pertencem a grupos de defesa das minorias.

Outros estudos também descreveram percepções paralelas de mulheres e minorias sobre os processos de preconceito e estereótipos, levando em consideração, por exemplo, os processos perceptivos de memória e codificação seletiva, usados para manter crenças, estereótipos e preconceitos sobre mulheres e afro-americanos (Fiske & Taylor, 1991).

Assim, sabendo-se dos efeitos da relação entre o racismo e o sexismo podemos discutir os impactos que eles produzem para a despersonalização das mulheres negras.

2.2 A DESPERSONIFICAÇÃO E SEUS EFEITOS SOBRE A NEGAÇÃO DO OUTRO

Esta sessão tem o objetivo de discutir o conceito de personificação e despersonalização e os efeitos da cor da pele e do status profissional na despersonalização de mulheres negras. Inicialmente vimos a importância de esclarecer que a psicologia social tem poucos estudos sobre o fenômeno da despersonalização, e, portanto, apresenta pouco desenvolvimento teórico e metodológico. Por se tratar de um fenômeno psicossocial no qual se retira do outro o direito de ser visto como pessoa, ou seja, uma não-pessoa, a despersonalização, geralmente, está relacionada aos grupos minoritários, tais como mulheres, negros e indígenas – grupos relacionados ao processo de não inclusão.

Ao buscar uma definição de “pessoa” na língua portuguesa, encontramos “indivíduo homem ou mulher”, “individualidade, personagem” ou “categoria linguística” relacionada à

comunicação, aquele que estabelece uma fala em primeira, segunda ou terceira pessoa (Aurélio digital). No campo filosófico, o termo pessoa, apesar de ter conceitos múltiplos, refere-se à individualidade física, emocional e espiritual, ao portador de qualidades atribuídas exclusivamente à espécie humana, consciência de si, discernimento de valores e racionalidade (Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano).

Considerando-se a realidade brasileira, Da Matta (1979) conceitua pessoa e indivíduo em uma relação antagônica, na qual a noção de pessoa é definida como um ser relacional, em que as relações sociais, afetivas (familiares, amizade) dão condições para os homens (pessoas) construírem representações para si e para os outros. Em contrapartida, a noção de indivíduo está envolta em uma estrutura social que submete ou subordina o outro, “o indivíduo entre nós seria o João-ninguém das massas, que não participa de nenhum poderoso sistema de relações pessoais” (Souza, 2001, p.48).

Ser pessoa pode ser definido por aquele que possui racionalidade, autonomia, aquele que é capaz de se responsabilizar moralmente, de compartilhar direitos com o outro, de ocupar posições ou exercer práticas instituídas por normas sociais. Apenas pessoas conseguem estabelecer relações interpessoais, alguém que pertença a um “nós” (Lima, 2016). Para o autor, nos tornamos pessoa na medida em que desenvolvemos consciência de nós e do outro e partilhamos sentimentos e valores com ele/ela. É por isso que Lima (2016) define a personificação com um processo contínuo e não como algo atribuído, especificamente, à natureza humana. Desse modo, a personificação é um indicador do valor social do sujeito no grupo e na sociedade. No entanto, a personalização também pode ser negada ou não atribuída ao outro, caso ele não demonstre valor social.

A despersonificação é um fenômeno mais amplo que desumanização e a infra-humanização e nem sempre esse fenômeno está relacionado à interiorização, sendo também anterior ao racismo (Lima, 2016). Um aspecto importante da desumanização são as crenças

deslegitimadoras. Nelas as características negativas são atribuídas a outros grupos com o intuito de excluí-los dos grupos humanos a fim de negar-lhes sua humanidade (Bar-Tal, 2000). Dessa maneira, a desumanização pode ser compreendida como a negação da humanidade de alguém por outro que se julgue ser mais humano (Lima, 2016). Já a infra-humanização, que é constituída como uma parte sutil da desumanização, não requer nenhuma comparação explícita de um grupo externo (como animais), ela é redutível a um favoritismo do endogrupo na atribuição de emoções secundárias. A infra-humanização está presente também na ausência de conflitos intergrupais e, portanto, estende o escopo da desumanização para além das manifestações de ódio étnico e de crueldade (Haslam, 2006).

Em uma pesquisa sobre a infra-humanização, Leyens *et al.* (2001; 2003) evidenciaram que as pessoas geralmente atribuem mais emoções secundárias ao endogrupo do que a exogrupos. Em contrapartida, não diferenciam endogrupo e exogrupo na atribuição de emoções primárias (que compartilhamos com outros animais). Outro trabalho que cria paralelos evidentes com a desumanização é o estudo sobre Objetificação de Mulheres (Nussbaum, 1995) e que também está atrelado à desumanização no nível dos valores.

Sobre a desumanização mediante atribuição diferenciada de valores, Schwartz e Struch (1989) argumentam que negar valores pró-sociais a outros é negar-lhes características humanas. Pesquisas indicam que características pró-sociais são julgadas como aspectos de natureza humana, portanto, perceber que os outros têm valores diferentes provavelmente envolverá negar-lhes algo de sua natureza humana (Haslam, 2006).

Dessa maneira, a desumanização e a infra-humanização também compõem a base para os argumentos e expressões racistas (Lima, 2016). Os europeus, por exemplo, utilizavam de suas aparências físicas e culturais como parâmetro de total humanidade e, ao encontrarem com outros povos (selvagens) nos séculos XV e XVI, julgaram que as aparências físicas, a cor da

pele e seus hábitos não eram considerados humanos e que tal aparência era um indicativo de sua animalidade (Jahoda, 1999).

A compreensão das diferenças de conceito de indivíduo e pessoa são importantes para entender os processos de desumanização e infra-humanização presentes nos preconceitos, assim como no racismo e no sexismo. Apesar de ainda serem conceitos pouco discutidos empiricamente, entende-se que a desumanização produz, de certo modo, uma maneira de categorizar as pessoas baseada na noção de “indivíduo” humano e não-humano, de modo que na infra-humanização as representações são referentes a uma diferenciação mais sutil entre super pessoas, pessoas e indivíduos (Lima, 2016). A inserção de discussões sobre as noções de indivíduo e pessoas é de grande importância para analisar os processos de preconceito e nos permite introduzir as noções de poder e status no campo das percepções sociais.

Além da desumanização ser um fator condutor para o racismo e para a exclusão social, outro fator que fere a norma igualitária, as normas antirracistas e que exerce o poder de legitimar a indiferença em relação ao outro é a despersonalização (Lima, 2016). A despersonalização revela um desinteresse em avaliar ou formar impressão sobre o outro. Nela o outro, já que não é percebido, não desperta sentimentos ou interesse, nem sequer é incluído para que depois seja excluído, como acontece no racismo. Isso porque, para que alguém tenha crenças racistas, é necessário conceber o outro como inferior em comparação aos membros do seu grupo. É nesse sentido que Lima (2016) descreve que, embora nem todo processo de despersonalização seja desumanizador e que nem toda atitude desumanizadora seja racista, todo racismo é em si desumanizador e despersonalizador.

Para melhor compreendermos o conceito despersonalização é importante entendermos a diferença entre despersonalização e o conceito de desindividualização. O primeiro se refere à falta de interesse em avaliar o outro e o segundo se relaciona à perda de identidade perante os grupos (Teixeira, 2014).

A despersonalização pode ser explicada através da teoria da identidade social e de dominação (Tajfel, 1981). Segundo Teixeira (2014), alguns sujeitos são percebidos em sua individualidade, são singulares e pertencentes a um grupo dominante; enquanto outros têm sua individualidade negada, pois pertencem a grupos dominados. Dessa maneira, suas características são geralmente atribuídas a definições grupais e não singulares como ocorre em membros de grupos dominantes.

Um fator consequente da despersonalização, atrelado ao racismo, é a invisibilidade, definida como ausência de representação ou representações equivocadas de pessoas e/ou grupos oprimidos. Inseridas as questões de gênero e raça e a falta de individuação ou de diferenciação entre os membros do grupo, fica evidente que quando a ênfase é dada ao rosto, as mulheres negras passam despercebidas com mais frequência e suas vozes não são ouvidas quando comparadas a mulheres brancas, homens brancos e homens negros (Sesko & Biernat, 2010).

Em um estudo realizado por Sesko & Biernat (2010), levantou-se a hipótese de que as mulheres negras seriam mais invisibilizadas, seus rostos seriam despercebidos e suas vozes não seriam ouvidas, quando observadas por pessoas brancas, em relação a mulheres brancas e a homens negros e homens brancos. Esse estudo verificou que os participantes brancos eram menos propensos a reconhecer corretamente as mulheres negras em comparação com outros grupos. Os participantes brancos foram relativamente incapazes de distinguir uma mulher negra que eles tinham visto antes de outra mulher negra. Desse modo, as mulheres negras eram mais despercebidas, tornando-se mais invisíveis em relação às mulheres brancas.

A ideia de que as mulheres negras estão mais sujeitas à invisibilidade do que as mulheres brancas tem sido um tema frequentemente discutido pelas feministas (Bell, 1992; Davis, 1981; Hooks, 1981; King, 1988), assim como também em trabalhos que descrevem que indivíduos com múltiplas intersecções ou pertencimentos em grupos subordinados, como

acontece com as mulheres negras, estão propensos a viverem uma invisibilidade interseccional em diferentes aspectos (Purdie-Vaughns & Eibach, 2008). Os autores discutem a invisibilidade predominantemente em termos das experiências de mulheres negras. No entanto, embutida nessa análise, está a suposição de que indivíduos pertencentes às identidades de múltiplos grupos subordinados são percebidos por outros como membros não prototípicos do grupo e, portanto, estão sujeitos a resultados relacionados à invisibilidade.

Seguindo em direção à despersonalização, Teixeira (2014) realizou dois estudos sobre o tempo para a formação de impressão e despersonalização como pessoas negras. Em seu primeiro estudo, a pesquisadora observou que estudantes universitários de vários cursos levam mais tempo para formar impressão sobre o alvo branco do que sobre um alvo negro e, quanto maiores os níveis de despersonalização do negro, menor será a atribuição de sentimentos e maior será a atribuição de emoções primárias destinadas a eles (infra-humanização). No segundo estudo, a autora demonstrou que estudantes residentes de medicina, que tiveram a função de assistir ao vídeo no qual um paciente fictício (preto ou branco, atendido pelo SUS ou plano de saúde privado), verificou-se que, embora os estudantes passassem mais tempo assistindo ao vídeo do paciente branco do que do paciente negro, tais diferenças não tiveram resultados estatisticamente significativos.

Nesse sentido, os capítulos que se seguem discorrem sobre a adaptação e a validação de uma medida de objetificação utilizada nos estudos posteriores e detalham metodologicamente um estudo empírico sobre a despersonalização de mulheres negras e possíveis diferenças nesse processo, dependendo dos níveis objetificação da mulher, sexismo e racismo. Por meio de uma pesquisa experimental, foi possível investigar os efeitos da cor de pele da mulher e do status profissional na despersonalização. Especificamente questionamos se a despersonalização da mulher negra pode ser explicada pelo status de poder, pela objetificação, pelo sexismo ambivalente e pelo racismo revitimizador.

CAPÍTULO III

MEDIDA DE OBJETIFICAÇÃO DE MULHERES: ADAPTAÇÃO E EVIDÊNCIAS DE VALIDADE

3.1 INTRODUÇÃO

As crenças objetificantes reproduzidas pelos homens em relação às mulheres podem estar relacionadas a múltiplos indicadores como fatores sociais, culturais (valores patriarcais) e econômicos, não se limitando apenas às diferenças biológicas. Fredrickson e Roberts (1997), em seu estudo que propõe a Teoria da Objetificação, definiram a objetificação como qualquer ação que separe o corpo, partes do corpo ou função sexual de uma mulher de sua persona, de sua identidade, como se as partes do seu corpo fossem capazes de representá-la. Essa perspectiva da objetificação pode ser entendida como o ato de tratar as pessoas com base apenas em suas características externas e não internas.

Esse conceito também ajuda a generalizar a ideia da objetificação sexual ter sido estudada apenas em fatores externos, quando se torna assédio sexual, mas não foi incluída na generalização das crenças internalizadas da objetificação. É decorrente dessas reflexões que Curran (2004) menciona a necessidade de uma escala que mensure a objetificação tanto em fatores externos quanto internos.

Essa falta de medida também foi abordada por Zolot (2003), que se propôs a construção de uma medida de objetificação masculina das mulheres. A medida, desenvolvida por Zolot (2003), apresentou em seu teste inicial resultados sobre a objetificação tanto para aspectos externos quanto para aspectos internos que se enquadravam em quatro fatores com consistência

interna geral satisfatória para a lista completa de itens ($\alpha = 0,89$). Esses quatro fatores foram referentes a: (i) objetificação e percepção da objetificação como algo natural e divertido; (ii) percepção de que há uma diferença entre o rosto e o corpo quando os homens objetificam as mulheres, (iii) insulto às mulheres pouco atraentes ser componente de um comportamento objetificante; e (iv) desempatia e grosseria desempenharem papéis importantes para a objetificação. Esses fatores contribuem para refletir sobre os estudos existentes da objetificação. No entanto, ainda seria necessário um maior refinamento dos itens e da estrutura fatorial, bem como testes de confiabilidade teste-reteste e validade de constructo para essa medida.

O estudo de Curran (2004) apresentou os componentes principais para o desenvolvimento da medida como: confiabilidade interna, confiabilidade teste-reteste e validade de constructo para os três fatores da medida de objetificação.

Tal estudo se propôs a desenvolver uma medida de diferença individual da objetificação dos homens em relação às mulheres. A pesquisa investigou a confiabilidade de 41 itens e a confiabilidade, utilizando uma amostra de homens em idade universitária. Com isso, foram desenvolvidas duas medidas de objetificação: uma medida com 22 itens com consistência interna de 0,92 e uma correlação de confiabilidade teste-reteste de $r(35) = 0,88, p < 0,01$; e uma medida condensada de 12 itens com consistência interna de 0,86 e uma correlação de confiabilidade teste-reteste de $r(35) = 0,88, p < 0,01$. Análises fatoriais para ambas as medidas evidenciaram três fatores de objetificação: (1) objetificação sexual internalizada; (2) desempatia e comentários sobre os corpos das mulheres; e (3) insulto a mulheres pouco atraentes.

Um dos pontos mais gerais em muitos estudos sobre a objetificação é que os homens tendem a pensar os comentários como brincadeiras ou piadas, enquanto as mulheres tendem a perceber os comentários como assediadores. Essa percepção que os homens têm sobre o

assédio e a objetificação pode ser reflexo de uma relação de poder social masculino sobre o gênero feminino e/ou falta de conhecimento e esses fatores podem ser as causas subjacentes para vários tipos de objetificação (Quinn, 2002).

Em um estudo de caso detalhado desenvolvido por Gervasio e Rudkdeschel (1992), percebeu-se que, em nível individual, o assediador masculino, quando contestado sobre sua atitude, frequentemente se justifica afirmando que a vítima em particular era muito sensível sobre um comentário que não significa nada. O fato de que os homens muitas vezes percebem a objetificação como uma ação social natural, muitas vezes vista como completamente inofensiva, também se liga a esse ponto e corrobora as descobertas de Zolot (2003) de que a objetificação da mulher é com frequência entendida pelos homens que a fazem como um comportamento natural e divertido.

Tendo em vista os estudos supracitados sobre a objetificação, a adaptação da Medida de Objetificação de Mulheres (Curran, 2004) apresenta fatores tanto externos, relacionados a atitudes direcionadas ao corpo feminino, quanto ao aspecto internalizado da objetificação e, portanto, são fatores relevantes para esta dissertação, uma vez que avaliamos as crenças objetificantes dos homens em níveis individuais e em nível institucional, além de contribuir para novas discussões sobre a objetificação em estudos brasileiros.

Nesse sentido, o objetivo geral deste estudo é informar sobre o processo de validação da Escala de Objetificação de Mulheres. Essa validação foi produzida em dois estudos: o estudo 1 refere-se aos procedimentos teóricos e empíricos necessários para a adaptação dos itens para o contexto brasileiro e para a validação de conteúdo do instrumento psicológico; o estudo 2 refere-se às evidências de validade por estrutura interna da Escala de Objetificação de Mulheres e validade convergente-discriminante.

3.2 ESTUDO 1 – TRADUÇÃO/ADAPTAÇÃO E VALIDADE DE CONTEÚDO DE ITENS DA ESCALA DE OBJETIFICAÇÃO DE MULHERES

O objetivo deste estudo 1 é informar sobre o processo inicial de validação da Escala de Objetificação de Mulheres (Curran, 2004). O presente estudo envolveu procedimentos teóricos e empíricos recomendados para a elaboração e a adaptação transcultural de instrumentos psicológicos (Beale, 1970; DeVellis, 2016; Pasquali, 2010). O processo seguiu três etapas: 1) tradução e adaptação dos itens para a cultura brasileira; 2) análise dos itens por um painel de especialistas (análise de avaliadores); e 3) determinação da compreensão do item pela população-alvo do instrumento. Apresentamos a seguir os métodos e os resultados dessas etapas.

Participantes

Participaram do processo de adaptação três especialistas, dois com mestrado e outro com doutorado, que trabalham em avaliação psicológica, psicometria e psicologia social. Além disso, foram entrevistados 12 alunos de graduação do primeiro semestre e quatro estudantes de graduação no último ano do programa para avaliar a compreensão dos itens.

Instrumentos

A Escala de Objetificação de Mulheres (EOM) consiste em 12 afirmativas que representam três dimensões: 1) objetificação sexual internalizada, 2) desempatia e comentários como um comportamento natural e 3) insulto a mulheres pouco atraentes. Para a maioria das análises realizadas por Curran (2004), esses três principais fatores eram mais interpretáveis e significativos. Assim, o primeiro fator continha itens como “Quando vejo uma mulher atraente,

me pergunto sobre como seria fazer sexo com ela” e “Costumo imaginar como as mulheres que encontro diariamente ficariam se estivessem nuas”. O segundo fator inclui itens como “As mulheres devem estar acostumadas a ouvirem os homens à sua volta comentarem sobre seus corpos” e “Penso que não há problemas em ser um pouco grosseiro ao comentar sobre as mulheres”; esse fator contém um misto de itens de comportamento natural e divertido e de desempatia e grosseria e parece ser um terreno comum entre os homens. O terceiro fator inclui itens do tipo “Já comentei com meus amigos sobre mulheres que acho pouco atraentes”; esse fator contém itens que insultam mulheres pouco atraentes.

Preparamos um questionário escrito em português brasileiro e enviamos para os avaliadores. Nesse questionário, apresentou-se o objetivo da pesquisa, explicando a tarefa a ser desenvolvida por cada avaliador, que consistia em ler cada um dos itens da escala e, em seguida, avaliá-los com base em três critérios: adequação ao constructo (grau que o item reflete o constructo operacionalizado); relevância (importância do item para a medida na versão brasileira); e clareza de escrita (facilidade de compreensão). Cada critério tinha uma escala de resposta de 1 a 5. Os avaliadores também foram solicitados a responder se a tradução e a adaptação estavam adequadas, além de sugerirem melhorias caso avaliassem pertinente. Por fim, foi pedido que os avaliadores apontassem qual o fator/dimensão que cada item representava.

Procedimentos

Tradução e adaptação inicial dos itens

Os 12 itens da Escala de Objetificação foram traduzidos por três tradutores. O primeiro tradutor era um professor de língua inglesa não familiarizado com o tema. O segundo e o terceiro tradutores eram pesquisadores da área da psicologia social fluentes em inglês: um residente no Brasil e outro residente em Portugal. Além da tradução, os pesquisadores

sugeriram adaptações para a cultura brasileira. Após as três traduções, foi realizada uma síntese da tradução pelos autores do presente estudo (Tabela 1).

Análise de avaliadores de especialistas

Enviamos o questionário com os itens e os critérios de avaliação aos avaliadores por *e-mail*. Medimos a validade de conteúdo por meio do coeficiente de validade de conteúdo (CVC) (Aiken, 1980). Especificamente, calculamos o CVC para cada item (CVCi) e a escala total (CVCt) com base nos critérios avaliados. Foram considerados os valores da $CVC \geq 0,80$ como critério de corte para validade de conteúdo (Aiken, 1985).

Concordância dos avaliadores sobre os fatores

A concordância interavaliadores sobre a quais fatores/dimensões cada item pertencia foi avaliada por meio dos coeficientes Kappa de Fleiss, adequados para concordância de três avaliadores ou mais, com intervalo de confiança de 95% e Índice de Correlação Intraclasse (ICC), com intervalo de confiança de 95%. Pontos de corte para o coeficiente Kappa oferecem níveis de concordância: moderada (0,41-0,60), substancial (0,61-0,80) e quase perfeita ou perfeita (0,81-1,00) (Fleiss *et al.*, 2013). O ICC foi interpretado a partir dos seguintes valores: entre 0,5 e 0,75 são moderados; entre 0,75 e 0,9 são bons; e maiores que 0,9 são excelentes.

Compreensão dos itens

Para evitar dificuldades de compreensão na aplicação do instrumento, submetemos os itens à análise de alunos de diferentes níveis de escolaridade. A coleta de dados ocorreu coletivamente em dois grupos (estudantes do primeiro semestre e estudantes do último ano). Pedimos aos estudantes de cada grupo que lessem os itens em sessões de *brainstorming*, explicassem se haviam entendido o conteúdo do item e sugerissem modificações quando necessário.

Resultados

Validade de Conteúdo

Todos os itens apresentaram valores de CVCi entre 0,69 e 0,93 referentes à adequação, à clareza e à relevância. Os coeficientes CVCT foram 0,90, 0,94 e 0,91 para esses critérios, respectivamente. Também pedimos aos avaliadores que sugerissem mudanças na escrita dos itens com notas mais baixas do CVC. A Tabela 2 apresenta o CVCi e os itens antes e depois da análise dos avaliadores e da compreensão dos itens.

Todos os itens tinham médias de adequação, relevância e clareza superiores a 3,5. A concordância dos avaliadores sobre a pertinência dos itens aos fatores teorizados indicou Kappa de Fleiss de 0,59 (IC 95% [0,34; 0,84]). O ICC obteve valor 0,93 (IC 95% [0,78; 0,98]).

Como resultado das sugestões dos avaliadores, modificamos cinco itens. Além disso, reformulamos os outros 12 itens devido à análise de compreensão que realizamos com os estudantes para a representação do público-alvo.

Discussão

A tradução e adaptação dos itens, a avaliação dos juízes (avaliadores) e a análise de compreensão de redação que realizamos neste estudo mostraram evidências acumuladas da validade do conteúdo da EOM. Os resultados nos permitiram aprimorar a qualidade dos itens e especificar sua redação para atender melhor à definição teórica do constructo e às características culturais e semânticas do contexto brasileiro. No entanto, outras evidências de validade se mostraram necessárias à investigação, como a validade da estrutura interna e convergente-discriminante. Isso foi realizado no estudo 2, descrito adiante.

Tabela 1 - Processo de Tradução, Adaptação e Análise dos Juízes

<i>Original</i>	Tradução e Adaptação	Após Sugestão dos Juízes - Renumerado	Fator
-----------------	-----------------------------	--	--------------

31. I often imagine what women I meet on a daily basis would be like in bed.	31 . Costumo imaginar como seriam na cama as mulheres que encontro diariamente.	1. Costumo imaginar como as mulheres que encontro diariamente seriam na cama.	1
24. As soon as I see an attractive woman, I wonder what sex with her would be like.	24. Quando vejo uma mulher atraente, me pergunto sobre como seria fazer sexo com ela.	2. Quando vejo uma mulher atraente, me pergunto sobre como seria fazer sexo com ela.	1
6. If I see a woman walking down the street, it is easy for me to imagine what she's like during sex.	6. Se vejo uma mulher andando na rua, imagino rapidamente como ela seria durante o sexo.	3. Se vejo uma mulher andando na rua, imagino rapidamente como ela seria durante o sexo.	1
26. I often imagine what women I meet on a daily basis would look like naked.	26. Costumo imaginar como as mulheres que encontro diariamente ficariam se estivessem nuas.	4. Costumo imaginar como as mulheres que encontro diariamente ficariam se estivessem nuas.	1
16. I am more likely to notice or flirt with a woman with an attractive body than one with an attractive face.	16. É mais provável que eu note ou flerte com uma mulher que tenha um corpo atraente do que com uma que tenha apenas um rosto atraente.	5. É mais provável que eu observe ou paquere com uma mulher com um corpo atraente do que com uma que tenha apenas um rosto bonito.	2
17. You can tell a lot about a woman's sexual availability by how she looks.	17. A aparência (a maneira de se comportar e de se vestir) de uma mulher pode dizer muito sobre sua disponibilidade sexual.	6. A aparência de uma mulher pode dizer muito sobre sua disponibilidade sexual.	2
15. When commenting on women, it's okay to be crude.	15. Penso que não há problemas em ser um pouco rude ao comentar sobre as mulheres.	7. Penso que não há problemas em ser um pouco grosseiro ao comentar sobre as mulheres.	2
38. Women should be used to hearing the men around them comment on their bodies.	38. As mulheres devem estar habituadas a ouvir os homens à sua volta comentarem sobre seus corpos.	8. As mulheres devem estar acostumadas a ouvirem os homens à sua volta comentarem sobre seus corpos.	2
12. I have made comments to friends about women who I find unattractive.	12. Já comentei com meus amigos sobre mulheres que acho pouco atraentes.	9. Já comentei com meus amigos sobre mulheres que acho pouco atraentes.	3
36. I would never make comments to peers about unattractive women.	36. Eu nunca faria comentários com meus colegas sobre mulheres que considero pouco atraentes.	10. Eu nunca faria comentários com meus colegas sobre mulheres que considero pouco atraentes.	3

5. I have made jokes about ugly women.	5. Já fiz piadas sobre mulheres feias	11. Já fiz piadas sobre mulheres feias.	3
22. Commenting on a women's physical features is only natural.	22. Penso que comentar sobre as características físicas de uma mulher é algo natural.	12. Penso que comentar sobre as características físicas de uma mulher é algo natural.	3

Fonte: elaborada pela pesquisadora, 2022.

Tabela 2 - Coeficientes de validade de conteúdo

Itens	CVCi	CVCi	CVCi
	Adequação	Clareza	Relevância
1. Costumo imaginar como as mulheres que encontro diariamente seriam na cama.	0,696	0,963	0,896
2. Quando vejo uma mulher atraente, me pergunto sobre como seria fazer sexo com ela.	0,963	0,963	0,963
3. Se vejo uma mulher andando na rua, imagino rapidamente como ela seria durante o sexo.	0,696	0,963	0,896
4. Costumo imaginar como as mulheres que encontro diariamente ficariam se estivessem nuas.	0,763	0,963	0,963
5. É mais provável que eu observe ou paquere com uma mulher com um corpo atraente do que com uma que tenha apenas um rosto bonito.	0,696	0,830	0,763
6. A aparência de uma mulher pode dizer muito sobre sua disponibilidade sexual.	0,963	0,963	0,763
7. Penso que não há problemas em ser um pouco grosseiro ao comentar sobre as mulheres.	0,963	0,963	0,896
8. As mulheres devem estar acostumadas a ouvirem os homens à sua volta comentarem sobre seus corpos.	0,963	0,830	0,896

9. Já comentei com meus amigos sobre mulheres que acho pouco atraentes.	0,963	0,963	0,963
10. Eu nunca faria comentários com meus colegas sobre mulheres que considero pouco atraentes.	0,963	0,963	0,963
11. Já fiz piadas sobre mulheres feias.	0,963	0,963	0,963
12. Penso que comentar sobre as características físicas de uma mulher é algo natural.	0,963	0,963	0,963
CVC_t	0,90	0,94	0,91

Fonte: elaborada pela pesquisadora, 2022.

3.3 ESTUDO 2 – EVIDÊNCIAS DA VALIDADE DA ESTRUTURA INTERNA E VALIDADE CONVERGENTE-DISCRIMINANTE

O objetivo deste estudo é apresentar evidências adicionais de validade da Escala de Objetificação (Curran, 2004). Serão apresentados os processos de validação da estrutura fatorial do constructo investigado e a validade convergente-discriminante entre a Medida de Objetificação e as escalas de Sexismo Ambivalente (Formiga *et al.*, 2002) e Racismo Revitimizador (Lima *et al.*, 2020).

Método

Amostra

Participaram deste estudo 366 homens, 365 deles tinham idades entre 18 e 67 anos; apenas 1 participante não confirmou sua idade ($M = 34,68$; $DP = 11,82$). 68,9 % (a maioria dos participantes) declararam ser heterossexuais; 13,4% declararam ser homossexuais; 15,8% declaram ser bissexuais; e apenas 1,9% dos participantes afirmou ter outra orientação sexual. Com relação à cor da pele, 65% dos participantes declararam ter cor de pele branca; 18,9%

afirmaram ser morenos; 7,9% declararam ser negros; 8,2% disseram ter outra cor de pele (Tabela 3).

Tabela 3 - Categorização sociodemográfica

Variável	Grupo	n	%
Idade	18 > 67 anos	365	99,7
	Omisso	1	0,2
Orientação sexual	Heterossexual	252	68,9
	Homossexual	49	13,4
	Bissexual	58	15,8
	Outros	7	1,9
	Omisso	9	2,5
Cor da pele	Branco	238	65,0
	Moreno	69	18,9
	Negro	30	7,9
	Outro	30	8,2
	Omisso	9	2,5
Total		366	100%

Fonte: elaborada pela pesquisadora, 2022.

Instrumentos

Medida de Objetificação de Mulheres

Utilizamos a Medida de Objetificação de Mulheres (Curran, 2004), adaptada no estudo 1, para mensurar as atitudes e as crenças objetificantes dos homens em relação às mulheres. Essa medida é composta por 12 itens distribuídos em três fatores: 1) objetificação internalizada, 2) desempatia e comentários e 3) insulto a mulheres pouco atraentes.

Inventário de sexismo ambivalente

O inventário de sexismo ambivalente, produzido originalmente por Glick e Fiske (1998), foi traduzido e adaptado por Formiga *et al.* (2002) para ser aplicado em contexto

brasileiro. A medida de sexismo ambivalente é composta por 22 itens que avaliam os estereótipos de gênero masculinos e femininos, levando em consideração as influências do sexismo hostil ($\alpha = 0,66$) e benevolente ($\alpha = 0,77$). No presente estudo, as consistências internas foram 0,91 e 0,82, respectivamente. A escala utiliza uma amplitude de quatro pontos para mensurar os níveis de sexismo e a pontuação varia de 1 (discordo totalmente) a 4 (concordo totalmente).

Medida de Racismo

A Escala de Racismo Revitimizador (ERR) (Lima *et al.*, 2020) mensura as novas formas de expressões do racismo atribuídas ao excesso retórico e de culpa às minorias. Essa escala é composta de 10 itens (por exemplo, O que chamam de “privilégio dos brancos” é, na verdade, construído a partir do esforço das pessoas e não uma vantagem já existente). A amplitude da escala variou de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente). No presente estudo, a consistência interna foi satisfatória ($\alpha = 0,88$), cujo resultado corrobora a consistência interna original ($\alpha = 0,91$). A pontuação média da escala (Somatório dos itens/número de itens) foi avaliada de modo que quanto maior o escore médio, maior o racismo revitimizador.

Procedimentos de coleta de dados

Para o procedimento de coleta de dados, produzimos um questionário escrito em português brasileiro e o enviamos para os avaliadores. Ao participante foi apresentado o objetivo da pesquisa, explicando a tarefa a ser desenvolvida por cada avaliador, que consistia em ler cada um dos itens da escala e avaliá-los com base em três critérios: adequação ao constructo (grau que o item reflete o constructo operacionalizado); relevância (importância do item para a medida de construção); e clareza de escrita (facilidade de compreensão). Cada critério tinha uma escala de resposta de 1 a 5. Os avaliadores também foram solicitados a

responder se a tradução e a adaptação estavam adequadas e a fazer sugestões de melhoria quando pertinente. Por fim, foi pedido que os avaliadores apontassem qual o fator/dimensão que cada item representava.

Procedimentos de análise de dados

Neste estudo, foi realizada uma análise fatorial confirmatória com o objetivo de adaptar e avaliar a estrutura da Escala de Objetificação de Mulheres (Curran, 2004) em uma amostra brasileira, comprovando sua validade de constructo. A análise foi implementada no software Jasp (versão 0.16.10), utilizando-se o método de estimação *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS), adequado para dados categóricos (DiStefano & Morgan, 2014; Li, 2016).

Os índices de ajuste utilizados foram: χ^2 ; χ^2/df ; *Comparative Fit Index* (CFI); *Tucker-Lewis Index* (TLI); *Standardized Root Mean Residual* (SRMR) e *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA). Valores de χ^2 não devem ser significativos; a razão χ^2/df deve ser \leq que 5 ou, preferencialmente, \leq que 3; valores de CFI e TLI devem ser \geq que 0,90 e, preferencialmente, acima de 0,95; valores de RMSEA devem ser \leq que 0,08 ou, preferencialmente, \leq que 0,06, com intervalo de confiança (limite superior) \leq 0,10 (Brown, 2015).

A consistência interna da medida foi mensurada por meio de duas técnicas: 1) consistência interna, por meio do coeficiente Alfa de Cronbach; e 2) confiabilidade composta (CC) para cada dimensão dos instrumentos (Raykov, 2007), com auxílio do site específico para essa análise (<https://www.thestatisticalmind.com/composite-reliability/>), sendo considerados satisfatórios índices acima de 0,60.

Além disso, para verificar a validade convergente-discriminante, foram realizadas correlações bivariadas por meio do coeficiente r de Pearson, considerando como validade convergente $r > 0,30$ e validade discriminante $r < 0,30$.

Resultados

Análise Fatorial confirmatória

Conforme pode ser visto na Tabela 4, os valores de Qui-quadrado foram significativos, ($\chi^2 = 76,051$; $df = 51$; $p < 0,013$), mas a razão Qui-quadrado por graus de liberdade foi baixa, portanto, satisfatória. Os índices de CFI, TLI e SRMR suportaram o modelo. Entretanto, os índices de RMSEA foram dentro do aceitável. Assim sendo, os índices de qualidade da estrutura de três fatores apresentam ter um bom ajuste nesse modelo.

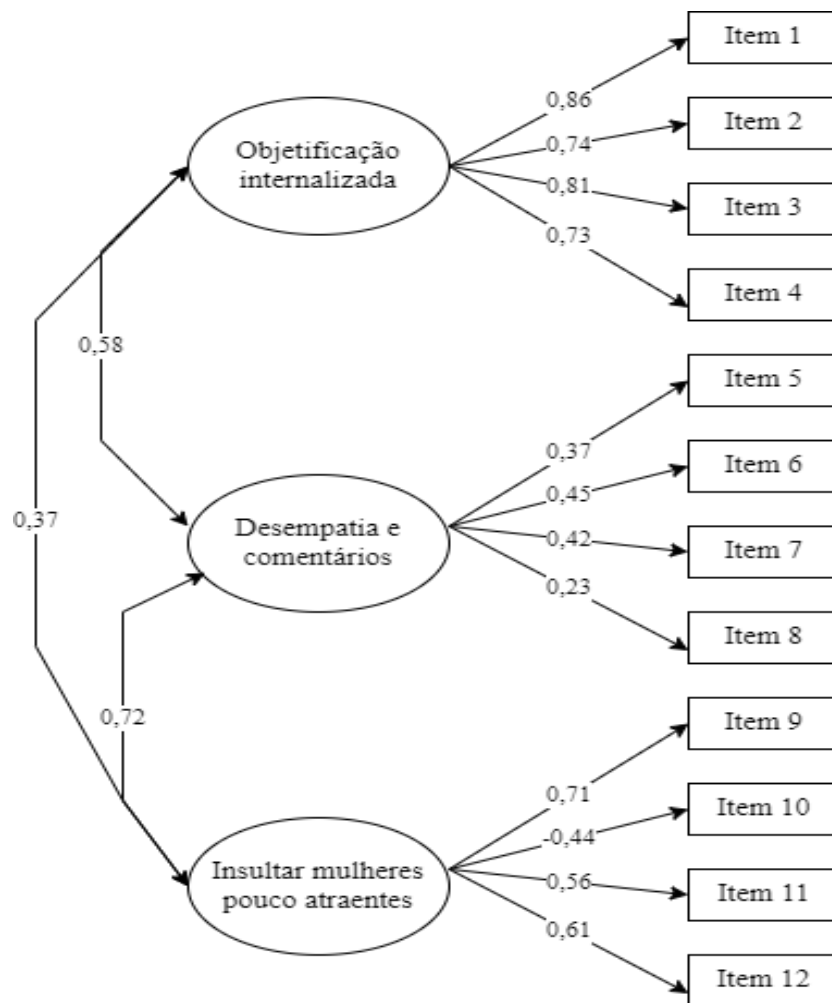
Tabela 4 - Índices de ajuste do modelo trifatorial da EOM

χ^2 (gl)	χ^2 /gl	CFI	TLI	SRMR	RMSEA	RMSEA IC (90%)	
						Inferior	Superior
76,051 (51)	1,49	0,98	0,97	0,054	0,036	0,017	0,053

Fonte: elaborada pela pesquisadora, 2022.

O modelo trifatorial (Figura 1) demonstrou uma boa consistência das cargas fatoriais dos itens. O item 1, pertencente ao fator 1 de objetificação internalizada, apresentou a maior carga fatorial ($\lambda = 0,86$). No entanto, o item 8 apresentou uma carga fatorial baixa para fator 2 de desempatia e comentários ($\lambda = 0,23$).

Figura 1. Estrutura fatorial da escala



Fonte: elaborada pela pesquisadora, 2022.

As correlações entre os três fatores variaram entre 0,37 (entre o fator 1 – objetificação internalizada e o fator 3 – insulto a mulheres pouco atraentes) e 0,72 (entre o fator 2 – desempatia e comentários e fator 3 – insulto a mulheres pouco atraentes).

Consistência Interna

As consistências internas mensuradas pelo coeficiente alfa de Cronbach e confiabilidade composta para a estrutura dos três fatores são apresentadas na Tabela 5.

Tabela 5 - Coeficientes alfas de Cronbach das estruturas fatoriais

<i>Fatores</i>	<i>α</i>	<i>α IC 95%</i>	<i>CC</i>
Objetificação internalizada	0,863	0,839 - 0,884	0,869
Desempatia e comentários	0,406	0,303 - 0,497	0,395
Insulto a mulheres pouco atraentes	0,678	0,622 - 0,728	0,680

Fonte: elaborada pela pesquisadora, 2022.

Os alfas de Cronbach foram 0,863, 0,406 e 0,678 para os fatores 1, 2 e 3, respectivamente. Os intervalos de confiança de 95% para os alfas de Cronbach também são apresentados. O alfa geral da escala foi de 0,78 (IC 95% [0,68 – 0,76]). Em relação à confiabilidade composta, o fator 1 obteve valor de 0,869, o fator 2 apresentou confiabilidade de 0,395 e o fator 3 obteve a confiabilidade de 0,680.

Validade Convergente e Discriminante

Tabela 6 - Estatísticas descritivas e correlações entre fatores da objetificação e escores de sexismo e racismo

	<i>m (dp)</i>	<i>Fator 1</i>	<i>Fator 2</i>	<i>Fator 3</i>
Sexismo Hostil	3,25 (0,66)	0,23**	0,46**	0,39**
Sexismo Benevolente	3,09 (0,56)	0,22**	0,11**	0,14**
Racismo	1,48 (0,66)	0,13*	0,29**	0,25**

Nota: m (dp) = média (desvio-padrão); ** (p < 0,01); * (p < 0,05); Fator 1 (Objetificação internalizada); Fator 2 (Desempatia e comentários como algo natural); Fator 3 (Insulto a mulheres pouco atraentes).

Fonte: elaborada pela pesquisadora, 2022.

Como apresentado na Tabela 6, os fatores 2 e 3 da Escala de Objetificação apresentaram validade convergente com o sexismo hostil ($r > 0,30$). Ambos os fatores evidenciaram validade discriminante do sexismo benevolente e do racismo ($r < 0,30$).

Discussão

Este estudo tem como objetivo realizar a primeira adaptação da Medida de Objetificação de Mulheres desenvolvida por Curran (2004), para o contexto brasileiro, bem como obter evidências de validade da mensuração das crenças e das atitudes objetificantes dos homens em relação às mulheres. Assim como a escala original, nós contamos apenas com participantes homens para atestar a validade da escala. A partir da participação dos respondentes e das análises psicométricas implementadas, consideramos que o objetivo foi alcançado ao assegurar a adequação do instrumento para o contexto brasileiro.

Os três fatores de objetificação (objetificação sexual internalizada, desempatia e comentários como comportamento natural e insulto a mulheres pouco atraentes) foram corroborados pela análise fatorial confirmatória da escala com bons índices de ajuste. Na escala original com os 12 itens, o alfa de Cronbach foi 0,86 e a confiabilidade teste-reteste satisfatória, $r(35) = 0,88$, $p < 0,01$. A consistência interna das subescalas foi de 0,92 para o fator 1, 0,72 para o fator 2 e 0,84 para o fator 3. Uma análise fatorial limitada a três fatores e usando apenas esses itens replicou a estrutura fatorial do conjunto completo de itens acima.

Em nossa escala, a consistência dos três fatores demonstrou alfas de Cronbach de 0,86 para o fator 1 – objetificação internalizada; 0,40 para o fator 2 – desempatia e comentários; e 0,67 para o fator 3 – insulto a mulheres pouco atraentes. Tal resultado demonstrou uma boa confiabilidade dos itens da escala, com exceção do fator 2, cujo coeficiente foi baixo ($> 0,60$). No entanto, a consistência interna geral da escala foi adequada para o nível de pesquisa.

Propusemo-nos a aferir a validade da Escala de Objetificação de Mulheres a partir da correlação com outros fatores relacionados aos processos de discriminação de mulheres (brancas e negras). Para isso, utilizamos a Escala de Sexismo Ambivalente (Glick & Fiske, 1998) e de Racismo Revitimizador (Lima *et al.*, 2020). Os resultados evidenciaram que dois fatores da Escala de Objetificação demonstram validade convergente com o sexismo hostil, e todos os fatores demonstram validade convergente com o sexismo benevolente e o racismo.

Apesar dos resultados encontrados, algumas importantes limitações do estudo precisam ser elencadas, como o fato de a amostra ter sido não-probabilística (conveniência), contando com a colaboração de homens que visualizaram a propaganda da notícia e se interessaram pela temática. Além disso, foram observadas baixas médias de objetificação, que podem caracterizar uma amostra de homens específica ou mesmo com respostas influenciadas pela deseabilidade social. Por fim, uma limitação dos resultados foi o baixo valor no alfa de Cronbach e na confiabilidade composta no segundo fator da escala, que deve ser melhor investigado em futuros estudos.

Pesquisas futuras sobre a objetificação poderiam utilizar dessa escala para tentar responder quais seriam as variáveis e os constructos correlatos com a objetificação, por que a objetificação aconteceria e em quais situações ela estaria mais suscetível de acontecer, além de quais estratégias poderiam ser utilizadas para se evitar que ela ocorra. A construção e a validação de algumas medidas psicométricas que mensurem a objetificação em níveis para além do aspecto sexual, uma medida sem distinção de gênero que possa ser aplicada para ambos os sexos, por exemplo, poderiam ser ferramentas úteis para essas e outras perguntas.

Considerações finais

Acredita-se que os objetivos deste estudo foram atingidos, ao se obterem evidências iniciais de validade dos escores da medida de Objetificação de Mulheres, referente a atitudes,

crenças, estereótipos e aspectos afetivos dos homens em relação às mulheres em contexto brasileiro. Aqui foram apresentados dados iniciais que comprovam a validade da adaptação da Medida de Objetificação de Mulheres pelos homens (Curran, 2004), seguindo o proposto pelos *Standards for educational and psychological testing* (AERA, APA, & NCME, 2014). Especificamente buscou-se a validade de conteúdo, a validade da estrutura interna e evidências de validade por correlações com medidas externas por meio da validade convergente. Outras evidências de validade podem ser buscadas por estudos posteriores com objetivo de aprimorar a medida no Brasil e trazer implicações importantes para teoria da objetificação, como validade preditiva, validade do processo de resposta e validade consequencial da medida.

Como implicações teóricas do presente estudo, obtivemos evidências adequadas, que se somam aos estudos da objetificação de mulheres, cujos resultados fortalecem a avaliação de três dimensões da objetificação. Além disso, testamos a validade da Medida de Objetificação em nossa pesquisa experimental sobre despersonalização, a ser abordada no capítulo seguinte. Na pesquisa em questão usamos uma falsa tarefa de avaliar as qualidades e a competência profissional para o cargo de gerência de uma empresa em um vídeo para determinar se os participantes homens se lembrariam mais das características da mulher branca do que das características da mulher negra. Inserimos a Medida de Objetificação para avaliar os níveis de despersonalização dos homens em relação às mulheres. Nossa previsão era que quanto maior o índice de objetificação maior seria o índice de despersonalização. Possibilidades de investigação da objetificação em relação a outros fenômenos sociais, como o sexismo e o racismo, também serão levantadas.

Como implicações práticas, apontamos que a utilização dessa escala poderia ser útil em estudos sobre objetificação e racismo institucional, podendo favorecer intervenções para melhor compreensão das razões pelas quais mulheres negras, mesmo tendo qualificação profissional elevada, ainda ocupam menos cargos de gerência no mercado.

CAPÍTULO IV

METODOLOGIA

4.1 Objetivos

Objetivo Geral

- Avaliar os processos de despersonalização da mulher negra por homens brancos e negros.

Objetivos Específicos

- Verificar se os participantes personalizam mais fortemente a mulher branca do que a mulher negra.

- Verificar se a personalização está relacionada com o status profissional da mulher.

- Avaliar as relações da despersonalização com a objetificação, o sexismo e o racismo.

- Avaliar o quanto os participantes contratariam uma mulher, gostariam de ser chefiados por uma mulher e avaliar a competência dependendo da cor de pele da mulher e status profissional.

4.2 Hipóteses

H1: A mulher de cor da pele negra será mais despersonalizada que a mulher de cor da pele branca.

H2: As mulheres de status profissional mais baixo (funcionárias) serão mais despersonalizadas que as mulheres de status profissional mais alto (gerentes).

H3: As mulheres negras de status profissional mais baixo (funcionárias) serão as mais despersonalizadas.

H4: Haverá diferenças da personalização de acordo com a cor de pele da mulher, o status profissional e a cor de pele do participante.

H5: Os participantes com maior índice de objetificação, sexismo e maior racismo serão os que mais despersonalizarão a mulher negra.

H6: O quanto os participantes gostariam de ser chefiados e a avaliação da competência da mulher dependerá da cor de pele e do status profissional.

4.3 Método

Desenho experimental

O presente Estudo se caracteriza como do tipo experimental e transversal, com dados de natureza quantitativa. Apresenta um design experimental 2 (Cor da pele da mulher: branca vs. negra) x 2 (Status profissional: gestora vs. funcionária). Sendo assim, quatro diferentes condições experimentais foram formadas baseadas numa tarefa assistida por computador ou celular, na qual os participantes homens deveriam categorizar a mulher apresentada no vídeo, levando em consideração apenas a imagem e a mensagem apresentadas.

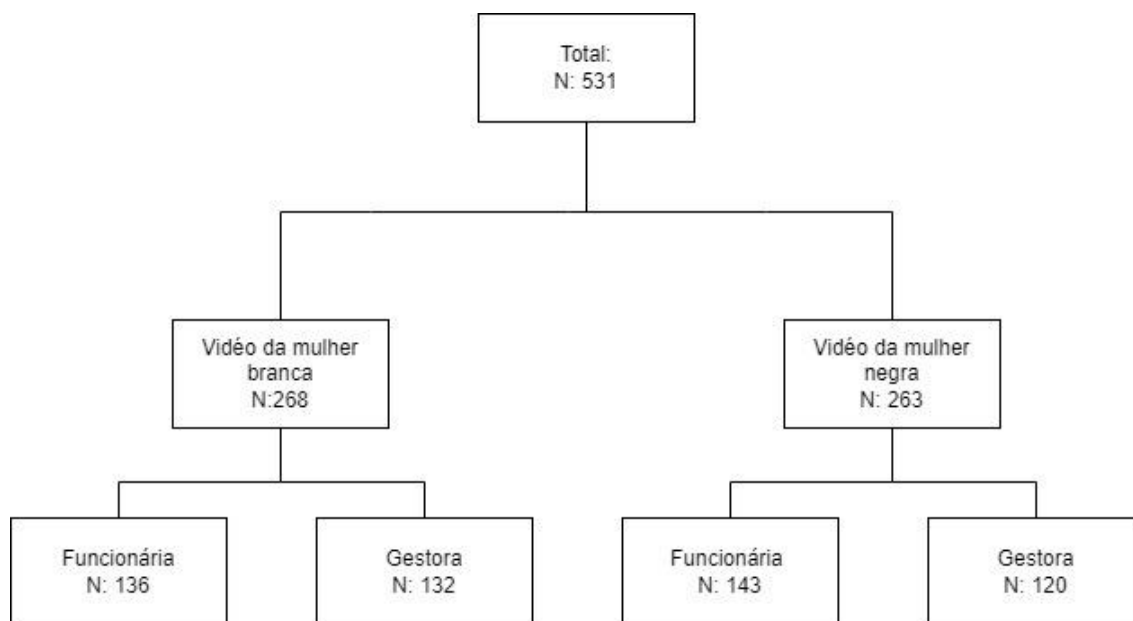
Participantes

Estimamos o tamanho da amostra no WebPower (Zhang & Yuan, 2018), tendo em conta um tamanho de efeito médio ($f = 0,20$; $\alpha = 0,05$ e poder do teste $\beta = 0,80$), o qual indicou ser necessária uma amostra composta por 327 ou mais participantes para a testagem das hipóteses. Com esses valores, o tamanho da amostra sugerido é de 82 participantes por grupo.

No entanto, a amostra foi composta por 539 participantes, todos do sexo masculino com idades entre 18 e 67 anos ($M = 32,3$; $DP = 11,48$); 70,4% dos participantes são heterossexuais, 12,6 % declararam ser homossexuais e 15,1% declararam ser bissexuais; 0,2% dos participantes preferiu não identificar a orientação sexual e 1,7% informou pertencer a outras categorias. Com relação à cor da pele: 63,6% da amostra se autodeclararam brancos; 19,1% se autodeclararam morenos; 9,8% se autodeclararam negros; e apenas 7,5% disseram pertencer a

outro grupo étnico (Figura 9). A análise de sensibilidade da amostra com os parâmetros acima especificados indicou a possibilidade de detectar efeitos acima de $f = 0,15$. A distribuição de participantes por condição experimental é apresentada na Figura 2.

Figura 2. Distribuição de participantes por condição experimental



Fonte: elaborada pela pesquisadora, 2022.

Tabela 7 - Caracterização Sociodemográfica

Variável	Grupo	n	%
Idade	18 > 24 anos	165	31,1
	25 > 30 anos	114	21,5
	31 > 39 anos	118	22,3
	40 > 67 anos	132	24,9
Orientação sexual	Heterossexual	373	70,4
	Homossexual	67	12,6
	Bissexual	80	15,1
	Outros	9	1,7
	Prefiro não dizer	1	0,2
Cor da pele	Branco	337	63,6

Não Branco	153	25,0
Outro	40	7,5

Fonte: elaborada pela pesquisadora, 2022.

Procedimentos

Os participantes foram informados que fariam parte de um estudo sobre processos de categorização. Foram alocados aleatoriamente de acordo com delineamento 2x2, ou seja, quatro grupos foram formados de maneira aleatória e cada grupo foi constituído com a quantidade mínima de 120 participantes do sexo masculino, brancos e negros, com um total de 153 não brancos (categorizados como negros) e 337 brancos. A coleta de dados foi realizada na plataforma Qualtrics (<https://www.qualtrics.com/>).

Garantias éticas aos participantes

No decorrer de toda a pesquisa, todas as exigências éticas e os princípios da pesquisa com seres humanos descritos na Resolução 466/12 do CEP/CONEP foram respeitados. Todos os participantes contabilizados eram maiores de 18 anos e possuíam a liberdade de desistir a qualquer momento da sua participação na pesquisa sem qualquer perda, como estava descrito no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ver Apêndice 1). Foi garantido o completo sigilo da identidade dos participantes, codificando-se tanto os dados demográficos (idade, gênero) quanto os dados das suas respostas à tarefa, de tal maneira que os nome não se relacionassem com nenhuma das respostas coletadas.

Assim mesmo, foi garantida aos participantes a possibilidade de se retirarem a qualquer momento da pesquisa sem nenhum prejuízo.

Finalmente, esclarecemos que o título apresentado no TCLE (ver Apêndice A) não corresponde ao título da pesquisa por razões metodológicas, pois a informação de que a pesquisa aborda a hipótese de que a cor da pele ou o gênero poderia afetar os julgamentos

sociais poderia predispor os participantes, enviesando os resultados. Por tal motivo, e como é descrito no método, após a realização do experimento, os participantes tiveram acesso a um documento de *debrief* no qual foi explicada a razão pela qual o verdadeiro objetivo da pesquisa não havia sido informado no TCLE.

Instrumentos

Medida de personificação / despersonalização

A Medida de categorização é composta por quatro questões, desenvolvidas pelos pesquisadores para mensurar a memorização dos participantes sobre as características do alvo: as mulheres (branca e negra) que surgem nos vídeos apresentados.

Essa Medida é estruturada com quatro itens de perguntas dissertativas para que os participantes possam descrever livremente sobre aquilo que eles recordam do alvo apresentado no vídeo.

A avaliação da Medida de categorização leva em consideração os seguintes fatores: características físicas e psicológicas (por exemplo, “Se você tivesse que descrever a personagem em termos físicos e psicológicos para outra pessoa, que características diria que ela possui”), independência financeira, competência profissional, grupos sociais (por exemplo, “A que grupos ou categorias sociais e profissionais você acha que a personagem pertence ou poderia pertencer”) e cor da pele.

No presente Estudo, levamos em consideração as quatro perguntas dissertativas e contabilizamos a quantidade de informações atribuídas. Quanto maior o número de informações lembradas, maior a personalização do alvo.

Medida de objetificação de mulheres

A Medida de Objetificação de mulheres foi desenvolvida por Curran (2004), para mensurar as atitudes e as crenças objetificantes dos homens sobre as mulheres. Essa Medida pede que o participante considere suas respostas às mulheres que ele vê em sua vida cotidiana. Foi usada uma escala de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente) e 12 itens de medidas de objetificação sobre mulheres. No presente Estudo, usamos a pontuação média geral (Somatório dos itens/número de itens). Quanto maior o escore médio, maior a objetificação. Curran (2004)² relatou alta consistência em amostra de estudantes dos EUA, ao usar uma escala mais longa com 22 itens ($\alpha = 0,92$) e uma consistência mais curta ao usar a versão de 12 itens ($\alpha = 0,86$), e obteve bons resultados de confiabilidade teste-reteste semanal ($r = 0,88$). Esta pesquisa demonstrou validade discriminante de medidas de assédio sexual. Tal medida foi validada no Capítulo III e apresentou bons índices de ajuste (Brown, 2015) para um modelo de três fatores: objetificação internalizada; desempatia e comentários; insulto a mulheres pouco atraentes.

Inventário de Sexismo Ambivalente

Inventário de sexismo ambivalente, desenvolvido por Glick e Fiske (1996) e validado para o Brasil por Formiga *et al.* (2002), é composto por 22 itens de autorrelato, que avaliam os estereótipos de cada gênero (feminino e masculino) referentes às duas dimensões do sexismo – sexismo hostil (por exemplo, “mulheres procuram poder controlando os homens”) e sexismo benevolente (por exemplo, “mulheres devem ser queridas e protegidas por homens”) – para mensurar os níveis de atitudes ou crenças sexistas dos homens em relação às mulheres. Cada item indica o quanto o participante está de acordo com o conteúdo expresso pela escala, utilizando-se uma escala de 1 (Discordo totalmente) a 4 (Concordo totalmente). A validação do instrumento para o Brasil demonstra consistência no modelo bifatorial especificado: GFI = 0,77 e AGFI = 0,72; $\chi^2/g.l. = 3,18$; e RMSR = 0,10 (Formiga *et al.*, 2002). No presente Estudo,

² É necessário recorrer ao texto original para obter mais informações sobre os resultados da pesquisa.

a consistência interna dos fatores foi satisfatória: sexismo benevolente ($\alpha = 0,78$) e sexismo hostil ($\alpha = 0,91$). Usamos a pontuação média de cada dimensão (Somatório dos itens/número de itens). Quanto maior os escores médios, maior o sexismo ambivalente.

Escala de Racismo Revitimizador

A Escala de Racismo Revitimizador (ERR) (Lima *et al.*, 2020) se refere às novas expressões de racismo manifestas pela atribuição de excesso retórico e de culpa às minorias. Essa escala é composta de 10 itens (por exemplo, no Brasil, com as políticas de ação afirmativa, os negros têm mais privilégios que os brancos). A amplitude da escala variou de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente). No presente Estudo, a consistência interna foi satisfatória ($\alpha = 0,88$) e esses resultados confirmam a consistência da escala. A pontuação média da escala (Somatório dos itens/número de itens) foi avaliada de modo que quanto maior o escore médio, maior o racismo revitimizador.

Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico foi desenvolvido pelos pesquisadores para construir o perfil sociodemográfico dos participantes e apresenta 3 itens: faixa etária, orientação sexual e cor da pele.

Manipulação Experimental

Instrumento I: Vídeo – Processos de Categorização

Os vídeos foram construídos para avaliar os processos de categorização e despersonalização com base nas impressões dos participantes. Devido às necessidades da pesquisa em apresentar duas mulheres distintas, foram produzidos dois vídeos. Para isso, contratamos duas atrizes, uma branca e outra negra, ambas com idades entre 21 e 23 anos.

Para a construção do texto interpretado pelas atrizes, foram considerados componentes de estereótipos sexistas e racistas que cotidianamente são expressos pelas pessoas, como

crenças religiosas, nacionalidade, estereótipos sobre profissão, aparência ser avaliada como mais masculina ou mais feminina. Desse modo, os vídeos contêm o mesmo conteúdo de fala e a mesma estrutura de cenário, o que diverge um do outro são apenas as atrizes.

Para a testagem e a validação dos vídeos, construímos um questionário para aplicação online, contendo oito questões sobre a qualidade do áudio e da imagem do vídeo, idade, cor da pele da atriz, beleza, compreensão da mensagem e confiabilidade da mensagem passada pela atriz.

O questionário ficou disponível para coleta de dados entre os dias 25/08/2021 e 31/08/2021; participaram 12 avaliadores com idade entre 23 e 46 anos, cinco homens e sete mulheres. O vídeo com a atriz negra obteve avaliação positiva para aplicação nos aspectos de qualidade da imagem ($M = 1,33$; $DP = 0,65$), ser convincente ($M = 3,42$; $DP = 0,66$), qualidade do som ($M = 1,58$; $DP = 0,66$) compreensão da mensagem (100% compreensível). No entanto, o vídeo com a atriz branca teve uma avaliação negativa para os itens sobre ser confiável/convincente ($M = 3,25$; $DP = 0,75$), qualidade do áudio ($M = 1,09$; $DP = 0,30$) e compreensão da mensagem (75% compreensível), exigindo uma segunda pré-testagem com outra atriz branca.

Utilizando uma análise Qui-Quadrado de independência, avaliamos as características dos vídeos, comparando as atuações das atrizes (branca e negra) e considerando as respostas dos juízes que assistiram aos vídeos durante a testagem. Também foram avaliadas as porcentagens de concordância das respostas para cada vídeo. Quanto ao critério sobre qual idade a atriz parecia ter, 91,7% dos participantes disseram que a atriz negra aparentava ter entre 18 e 24 anos e apenas 8,3 % disseram ter entre 25 e 30 anos; 81,8% dos participantes disseram que a atriz branca aparentava idade entre 18 e 24 anos, enquanto que, 18,2% avaliaram que a atriz branca teria idade entre 25 e 30 anos. A análise para cor da pele da atriz demonstrou que: sobre o vídeo da atriz negra, 91,7% dos participantes afirmaram que a cor da pele da atriz era

negra e apenas 8,3% informaram que a atriz negra tinha a cor da pele parda; sobre o vídeo da atriz branca, 91,7% dos participantes afirmaram que a cor da pele da atriz era branca e apenas 8,3% informaram que a atriz branca tinha cor de pele parda.

Dos resultados, obtivemos apenas uma variação entre as porcentagens de concordância entre os dois vídeos: o áudio do vídeo da atriz negra foi avaliado como bom ou muito bom por 91% dos participantes, enquanto que o áudio do vídeo da atriz branca foi avaliado como bom ou muito bom por 100% dos participantes. No entanto, como os participantes avaliaram que a mensagem passada havia sido totalmente compreensível em ambos os vídeos, concluímos que esses materiais haviam cumprido com os critérios necessários para a aplicação do instrumento de coleta de dados da pesquisa. Além disso, o teste empregado para comparar as porcentagens de concordâncias das categorias entre os dois vídeos mostrou que os juízes diferenciaram significativamente apenas a cor de pele das atrizes, como o proposto pela manipulação experimental. As demais características avaliadas não apresentaram diferenças estatisticamente significativas, o que reforça que os dois vídeos possuíam atributos similares.

Tabela 8 - Descrição dos resultados da validação dos vídeos

Perguntas	Mulher Negra Concordância	Mulher Branca Concordância	χ^2 p
1. Qual a cor de pele da atriz?	91,7% Preta	91,7% Branca	< 0,001
2. Qual a idade que imagina que ela tem?	91,7% 18-24 anos	81,8% 18-24 anos	0,484
3. Como avalia a beleza física da atriz?	66,7% Bonita	66,7% Bonita	0,999
4. Como avalia a performance da atriz?	83,3% Boa/Muito Boa	75% Boa/Muito Boa	0,204
5. Como avalia a qualidade do áudio do vídeo?	91% Boa/Muito boa	100% Boa/Muito boa	0,090
6. Como avalia a qualidade da imagem do vídeo?	90,9% Boa/Muito Boa	100% Boa/Muito Boa	0,510
7. Em que medida a mensagem passada pela atriz lhe pareceu confiável/convincente?	50% Muito convincente	41,7% Muito convincente	0,809

8. A mensagem passada pela atriz ficou compreensível?	100% Totalmente	81,8% Totalmente	0,122
---	--------------------	---------------------	-------

Fonte: elaborada pela pesquisadora, 2022.

Analise de Dados

Foram realizadas estatísticas descritivas para realizar caracterização sociodemográfica, bem como para traçar o perfil dos grupos nos constructos avaliados (médias e desvios padrões de todos os escores avaliados). Para testagem das hipóteses, foram realizadas análise de variância (ANOVAs fatoriais) com comparações múltiplas e modelos de regressão com mediação por meio do macro PROCESS. Considerou-se um nível de significância $p < 0,05$. Além disso, foram calculados tamanhos de efeito d de Cohen para as diferenças entre dois grupos (Cohen, 1992).

CAPÍTULO V

RESULTADOS

Este Capítulo apresenta os resultados encontrados no estudo experimental para investigação dos processos de despersonalização da mulher negra quando atrelados ao racismo, ao sexismo e à objetificação.

A Tabela 9 apresenta o perfil geral da amostra nos constructos avaliados. Nela podemos observar os escores médios das escalas bem como o desvio padrão e os valores mínimos e máximos dos participantes de modo geral.

Tabela 9 - Perfil da amostra nos constructos avaliados

	M	DP	Mín.	Máx.
Personalização	8,27	2,64	0,00	15,00
Objetificação Geral	2,21	0,66	1,00	4,50
Objetificação Internalizada	1,92	0,98	1,00	5,00
Desempatia e Comentários	1,71	0,65	1,00	4,25
Insulto a Mulheres	2,99	1,05	1,00	5,00
Sexismo Benevolente	3,09	0,56	1,36	4,00
Sexismo Hostil	3,25	0,66	1,00	4,00
Racismo	1,51	0,69	1,00	4,50

Nota: M – média; DP – desvio padrão; Mín.-Máx. – Valores mínimo e máximo.

Fonte: elaborada pela pesquisadora, 2022.

A seguir serão apresentados os resultados de análises de variância que objetivaram testar as hipóteses do presente Estudo. Na sequência são apresentados os efeitos principais da cor de pele da mulher do vídeo, do status profissional do participante no experimento bem como da interação entre essas duas variáveis na personificação. A Tabela 10 apresenta a média de cada grupo experimental em todos os constructos avaliados.

Tabela 10 - Média (Desvio padrão) das variáveis dependentes em cada condição experimental

	Mulher Branca		Mulher Negra	
	Funcionária	Gestora	Funcionária	Gestora
Personalização	8,89 (2,68)	8,52 (2,70)	7,92 (2,49)	7,69 (2,54)
Objetificação Geral	2,33 (0,64)	2,23 (0,69)	2,08 (0,68)	2,20 (0,62)
Internalizada	2,06 (1,00)	1,99 (1,00)	1,73 (0,89)	1,92 (1,00)
Desempatia	1,84 (0,68)	1,70 (0,63)	1,60 (0,65)	1,70 (0,64)
Insulto	3,08 (0,94)	3,02 (1,16)	2,89 (1,08)	2,98 (1,02)
Sexismo Benevolente	3,19 (0,52)	3,04 (0,57)	3,04 (0,57)	3,11 (0,58)
Sexismo Hostil	3,29 (0,64)	3,24 (0,67)	3,30 (0,69)	3,17 (0,64)
Racismo	1,44 (0,60)	1,53 (0,76)	1,55 (0,73)	1,53 (0,65)

Fonte: elaborada pela pesquisadora, 2022.

O efeito da cor de pele sobre a despersonalização

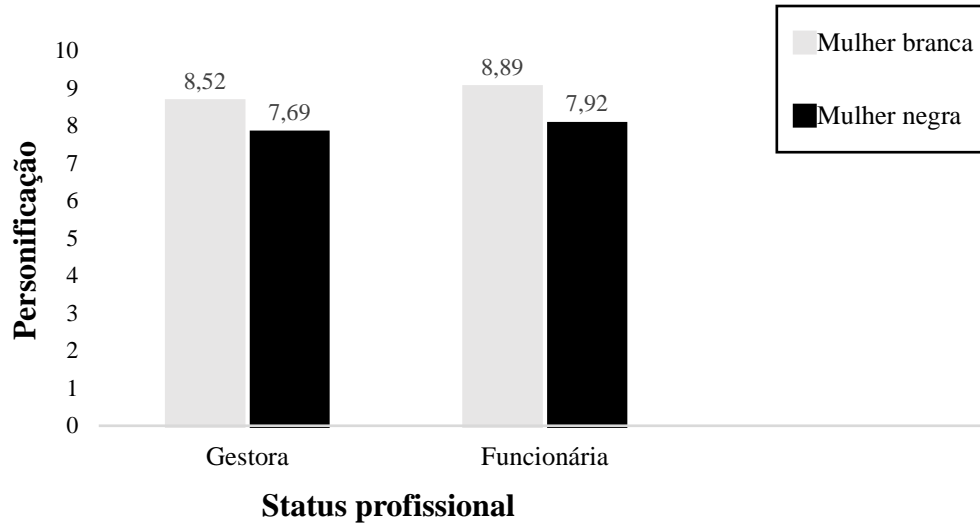
A nossa primeira hipótese, que afirmava que a mulher de cor da pele branca seria mais personalizada do que a mulher de cor da pele negra, foi confirmada. O resultado de uma ANOVA 2 (Cor de pele da atriz) x 2 (Status profissional) mostrou um efeito principal significativo da cor de pele da mulher do vídeo [$F(1, 505) = 15,02; p < 0,001; \eta^2 = 0,029$], pois mais informações foram lembradas para a mulher branca ($M = 8,70; DP = 2,69$) do que para a mulher negra ($M = 7,81; DP = 2,51$) ($d = 0,34$).

O efeito da cor de pele e do status profissional sobre a despersonalização

Não foi significativo o efeito principal do status profissional [$F(1, 505) = 1,63; p = 0,201; \eta^2 = 0,003$] e da interação [$F(1, 505) = 0,10; p = 0,752; \eta^2 = 0,000$] na despersonalização. Comparações múltiplas evidenciaram que houve uma maior personalização da mulher branca do que da mulher negra tanto quando a mulher era gestora ($b = 0,82; EP =$

0,33; $p = 0,013$; $d = 0,31$) como quando era funcionária ($b = 0,97$; $EP = 0,32$; $p = 0,003$; $d = 0,37$).

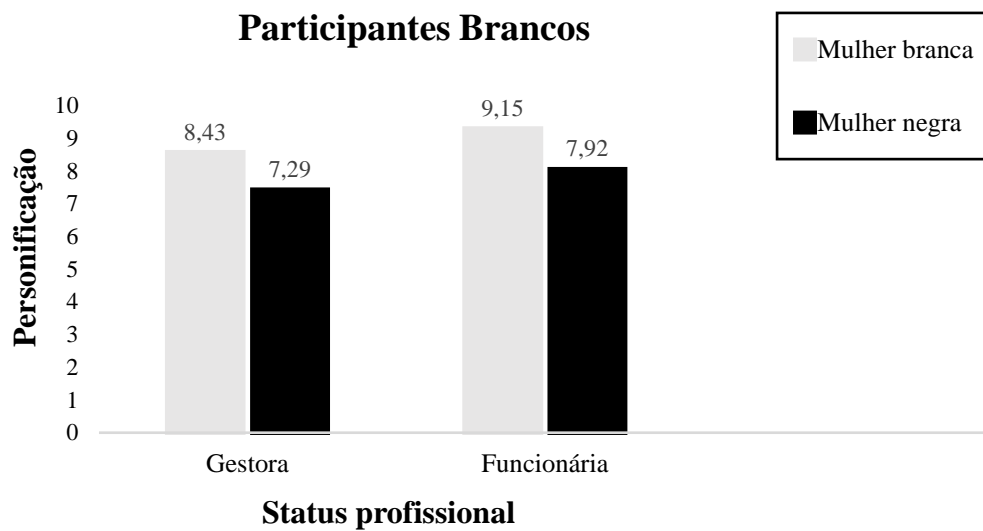
Figura 3. Efeito da cor de pele do alvo e status profissional



Fonte: elaborada pela pesquisadora, 2022.

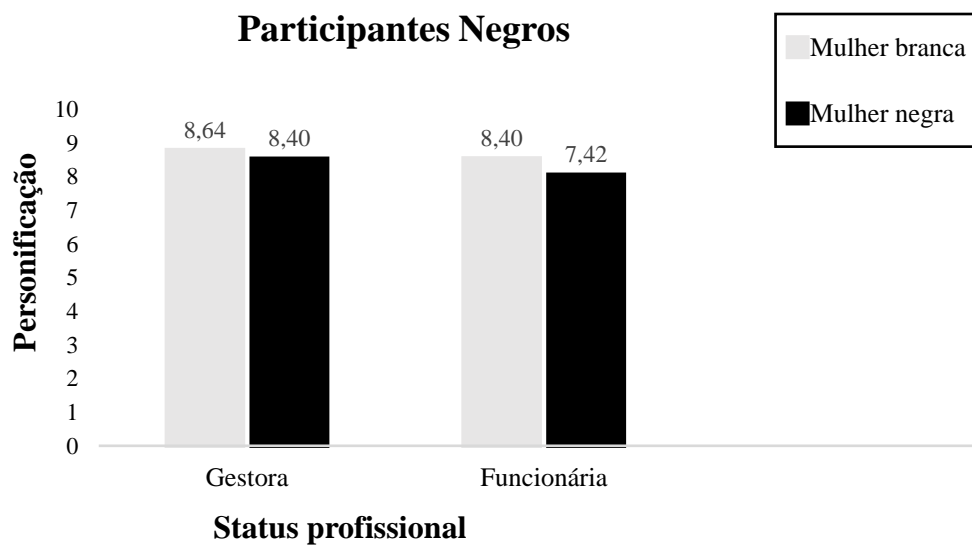
Em seguida, inserimos no modelo a variável cor de pele do participante e avaliamos a interação tripla Cor de pele da mulher x Status profissional x Cor de pele do participante. Essa interação foi marginalmente significativa [$F(3, 497) = 2,38$; $p = 0,068$; $\eta^2 = 0,014$]. Ao decompor essa interação, observamos que, ao ver o vídeo da mulher negra na posição de gestora, os participantes brancos despessoalizaram a mulher negra mais do que os participantes negros ($b = -1,10$; $EP = 0,50$; $p = 0,028$), isto é, os participantes brancos atribuíram menos características à mulher negra ($M = 7,29$; $DP = 2,36$) do que os participantes negros ($M = 8,40$; $DP = 2,70$) ($d = 0,43$). As Figuras 4 e 5 mostram o efeito experimental nos participantes brancos e negros, respectivamente.

Figura 4. Efeito da cor de pele do alvo e status profissional (Participantes brancos)



Fonte: elaborada pela pesquisadora, 2022.

Figura 5. Efeito da cor de pele do alvo e status profissional (Participantes negros)



Fonte: elaborada pela pesquisadora, 2022.

O efeito da cor de pele da mulher e do status profissional nas variáveis explicativas

Na Tabela 11, são apresentados os efeitos experimentais do vídeo e do status profissional, bem como a interação nas variáveis objetificação, sexismo benevolente e hostil e racismo revitimizador.

Tabela 11 - Efeitos experimentais nas variáveis explicativas

	F	p	η^2_p
Objetificação Geral			
Mulher do Vídeo	4,22	0,041	0,012
Status Profissional	0,05	0,814	0,000
Mulher do Vídeo*Status Profissional	2,35	0,126	0,006
Objetificação Internalizada			
Mulher do Vídeo	3,81	0,052	0,010
Status Profissional	0,36	0,545	0,001
Mulher do Vídeo*Status Profissional	1,57	0,210	0,004
Desempatia e Comentários			
Mulher do Vídeo	2,99	0,084	0,008
Status Profissional	0,09	0,754	0,000
Mulher do Vídeo*Status Profissional	2,85	0,092	0,008
Insulto			
Mulher do Vídeo	1,02	0,313	0,003
Status Profissional	0,02	0,884	0,000
Mulher do Vídeo*Status Profissional	0,39	0,531	0,001
Sexismo Benevolente			
Mulher do Vídeo	0,51	0,473	0,001
Status Profissional	0,51	0,476	0,001
Mulher do Vídeo*Status Profissional	5,00	0,026	0,010
Sexismo Hostil			
Mulher do Vídeo	0,28	0,593	0,001
Status Profissional	2,45	0,117	0,005
Mulher do Vídeo*Status Profissional	0,43	0,512	0,001
Racismo			
Mulher do Vídeo	0,81	0,366	0,002
Status Profissional	0,46	0,498	0,001

Mulher do Vídeo*Status Profissional	0,82	0,363	0,002
-------------------------------------	------	-------	-------

Fonte: elaborada pela pesquisadora, 2022.

O efeito principal da mulher do vídeo foi significativo na objetificação geral. Na condição da mulher branca, houve maior média de objetificação geral ($M = 2,28$; $DP = 0,66$) comparativamente à condição da mulher negra ($M = 2,13$; $DP = 0,66$) ($b = 0,14$; $p = 0,041$; $d = 0,22$).

O efeito principal da mulher do vídeo foi marginalmente significativo na objetificação internalizada, sendo esta maior na condição da mulher branca ($M = 2,03$; $DP = 1,00$) do que na da mulher negra ($M = 1,82$; $DP = 0,95$) ($b = 0,20$; $p = 0,052$; $d = 0,21$). Além disso, comparações múltiplas evidenciaram que na condição em que a mulher era funcionária, houve maior média de objetificação quando a mulher era branca ($M = 2,06$; $DP = 1,00$) do que quando a mulher era negra ($M = 1,73$; $DP = 0,89$) ($b = 0,32$; $p = 0,020$; $d = 0,34$).

Foi marginalmente significativo o efeito da mulher do vídeo e a interação entre a mulher do vídeo e o status profissional na desempatia e comentários. Comparações múltiplas evidenciaram que, quando a mulher estava na posição de funcionária, houve maior desempatia na condição da mulher branca ($M = 1,84$; $DP = 0,68$) do que na condição da mulher negra ($M = 1,60$; $DP = 0,65$) ($b = 0,23$; $p = 0,013$; $d = 0,36$).

Houve uma interação significativa entre o efeito da mulher do vídeo e o status profissional no sexismo benevolente. Na condição da mulher branca, houve uma média de sexismo benevolente relativamente maior quando a mulher estava na posição de funcionária ($M = 3,19$; $DP = 0,52$) do que na condição de mulher negra ($M = 3,04$; $DP = 0,57$) ($b = 0,14$; $p = 0,036$; $d = 0,27$).

A relação entre a cor de pele da mulher e a personalização moderada pela objetificação, pelo sexismo ambivalente e pelo racismo revitimizador

Foram efetuadas análises de moderação por meio do macro PROCESS, utilizando-se como variável independente a cor de pele da mulher e como variável dependente a despersonalização (operacionalizado pela personalização). Como moderadoras, inserimos a objetificação, o sexismo ambivalente e o racismo revitimizador. Os resultados dessas análises de moderação estão sumarizados na Tabela 12.

Tabela 12 - Análises de moderação da relação entre a manipulação experimental e a personalização

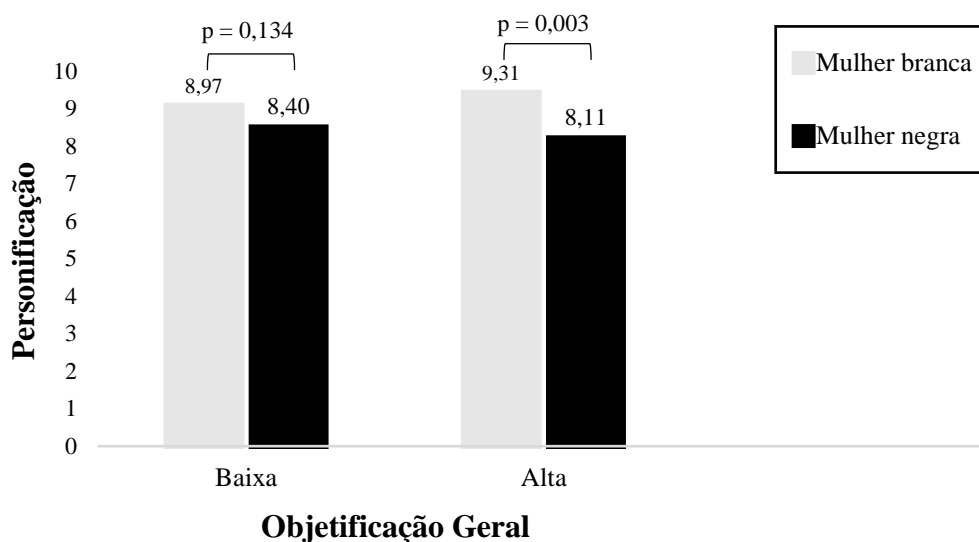
	b	EP	p	IC 95%	
				Inferior	Superior
Moderadora: Objetificação Geral					
Vídeo da Mulher	-0,87*	0,27	0,002	-1,41	-0,32
Objetificação Geral	0,25	0,29	0,378	-0,31	0,82
Vídeo da Mulher* Objetificação	-0,47	0,41	0,250	-1,28	0,33
Baixa Objetificação	-0,63	0,38	0,134	-1,31	0,18
Alta Objetificação	0,70*	0,40	0,003	-1,99	-0,41
Moderadora: Sexismo Benevolente					
Vídeo da Mulher	-0,86*	0,23	0,000	-1,32	-0,41
Sexismo Benevolente	-0,19*	0,28	0,000	-0,75	0,37
Vídeo da Mulher* Sexismo B.	0,91*	0,40	0,026	0,11	1,70
Baixo Sexismo B.	-1,42*	0,52	0,001	-1,25	-0,33
Alto Sexismo B.	-0,38	0,51	0,233	-1,00	0,24
Moderadora: Sexismo Hostil					
Vídeo da Mulher	-0,88*	0,23	0,000	-1,33	-0,42
Sexismo Hostil	0,38	0,24	0,118	0,17	1,68
Vídeo da Mulher* Sexismo H.	-0,50	0,56	0,380	-0,09	0,87
Baixo Sexismo H.	-0,96*	0,33	0,005	-1,63	-0,29
Alto Sexismo H.	-0,80*	0,32	0,015	-1,44	-0,15
Moderadora: Racismo					
Vídeo da Mulher	-0,90*	0,23	0,000	-1,36	-0,45

Racismo	-0,44	0,23	0,059	-0,89	0,01
Vídeo da Mulher* Racismo	0,01	0,33	0,970	-0,64	0,67
Baixo Racismo	-0,91*	0,28	0,002	-1,48	-0,34
Alto Racismo	-0,90*	0,30	0,003	-1,49	-0,30

Fonte: elaborada pela pesquisadora, 2022.

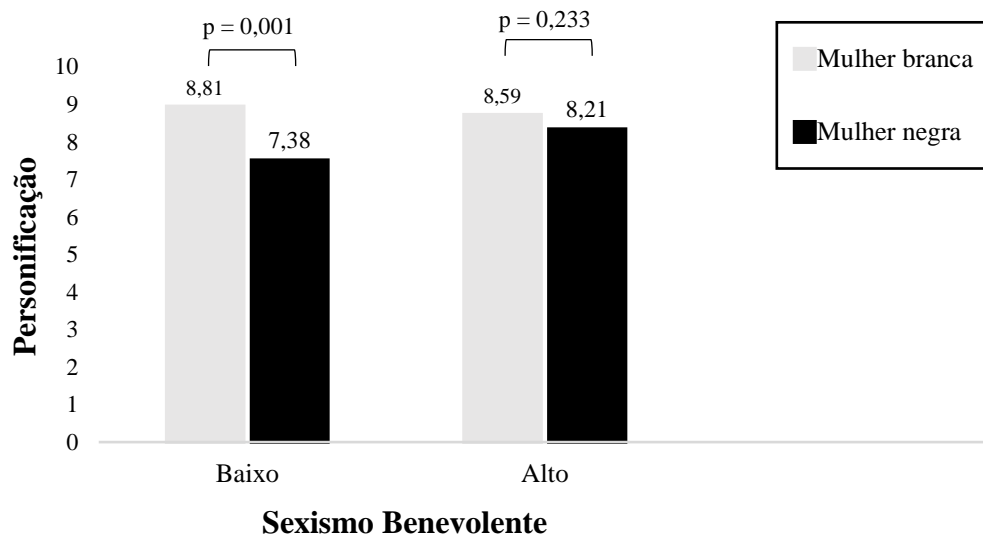
Como mostra a Tabela 12, por meio dos coeficientes de regressão, foi possível perceber que a tendência em despersonalizar a mulher negra comparativamente à mulher branca ocorreu significativamente nos homens com alta objetificação, baixo sexismo benevolente e sexismo hostil e ocorreu independentemente do nível de racismo. Ou seja, os homens tendem a atribuir menos características à mulher negra em comparação com a branca, dependendo dos níveis de objetificação e sexismo deles. No entanto, pode-se ver na Figura 6 que a condição em que a mulher negra foi menos personalizada foi nos homens com alto racismo. As Figuras das moderações encontram-se a seguir:

Figura 6. Efeito da cor de pele na personalização moderado pela objetificação geral



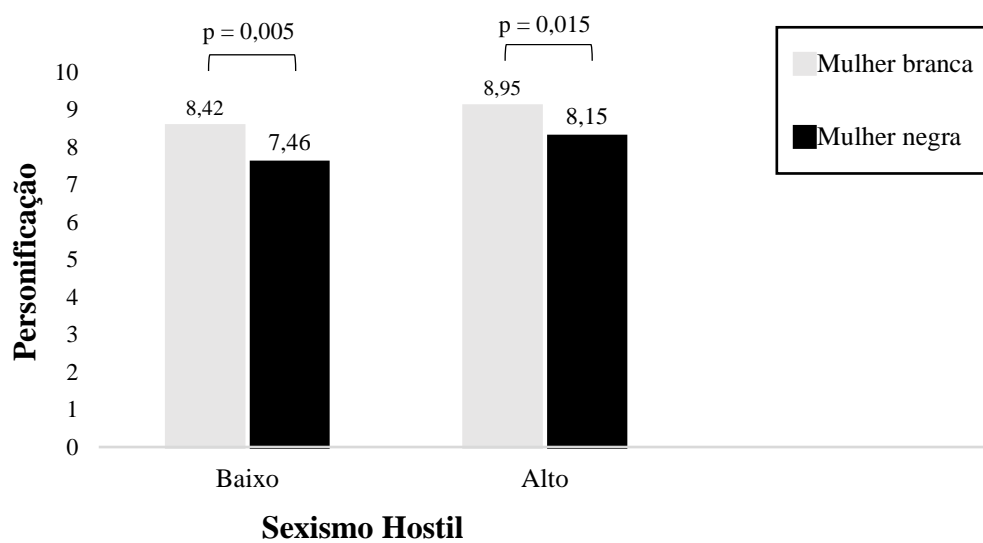
Fonte: elaborada pela pesquisadora, 2022.

Figura 7. Efeito da cor de pele na personalização moderado pelo sexismo benevolente



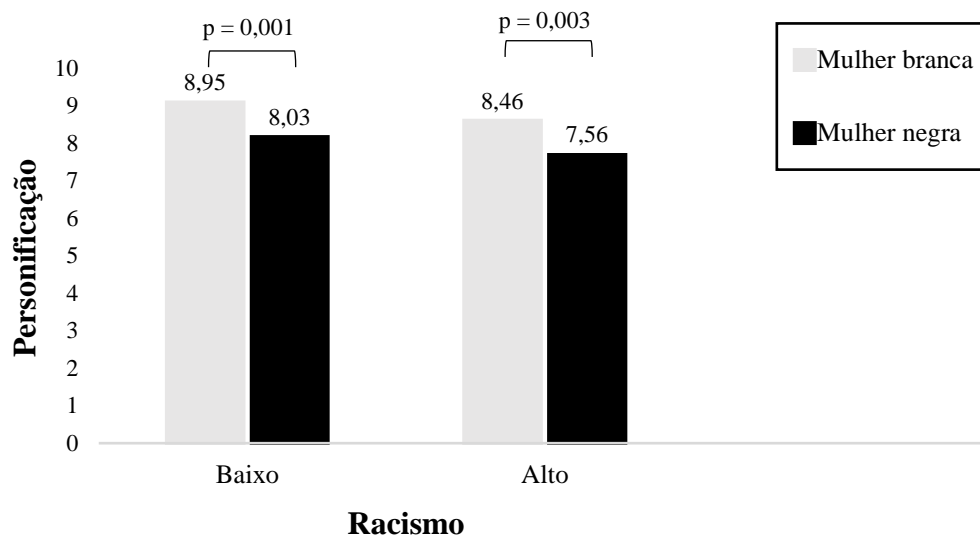
Fonte: elaborada pela pesquisadora, 2022.

Figura 8. Efeito da cor de pele na personalização moderado pelo sexismo hostil



Fonte: elaborada pela pesquisadora, 2022.

Figura 9. Efeito da cor de pele na personalização moderado pelo racismo



Fonte: elaborada pela pesquisadora, 2022.

Gestor (Você contrataria a pessoa do vídeo?)

Resultado de uma ANOVA one-Way (VI = cor de pele da atriz) indicou que houve um efeito significativo do vídeo na probabilidade de os participantes, que respondiam na condição de gestor, contratarem a mulher do vídeo [$F(1, 273) = 7,32$; $p = 0,007$; $\eta p^2 = 0,026$], visto que houve média significativamente maior para mulher branca ($M = 1,80$; $DP = 0,66$) do que para mulher negra ($M = 1,58$; $DP = 0,68$) ($d = 0,32$). De modo geral, a média foi abaixo do ponto médio da escala de resposta que variava de 1 a 5 para ambos os vídeos ($M = 1,69$; $DP = 0,68$).

Funcionário (O quanto você gostaria de ser chefiado por essa pessoa que aparece no vídeo?)

Resultado de uma ANOVA one-Way (VI = cor de pele da atriz) demonstrou que não houve efeito significativo do vídeo no quanto os participantes, que respondiam na condição de

funcionário, gostariam de ser chefiados pela mulher do vídeo [$F(1, 253) = 0,89$; $p = 0,344$; $\eta^2 = 0,004$], visto que houve média similar para mulher branca ($M = 3,26$; $DP = 1,04$) e para mulher negra ($M = 3,39$; $DP = 1,15$) ($d = 0,11$). De modo geral, a média foi acima do ponto médio da escala de resposta que variava de 1 a 5 ($M = 3,32$; $DP = 1,03$).

Competência (O quão competente Jéssica lhe pareceu ser?)

O resultado de uma ANOVA 2 (Cor de pele da atriz) x 2 (Status profissional) mostrou um efeito principal significativo da cor de pele da mulher do vídeo na atribuição de competência [$F(1, 525) = 15,02$; $p < 0,001$; $\eta^2 = 0,029$], pois mais competência foi dada para a mulher negra ($M = 5,79$; $DP = 1,29$) do que para a mulher branca ($M = 5,53$; $DP = 1,45$) ($d = 0,18$). Não foi significativo o efeito principal do status profissional [$F(1, 525) = 0,03$; $p = 0,855$; $\eta^2 = 0,000$] e da interação [$F(1, 525) = 1,13$; $p = 0,288$; $\eta^2 = 0,002$] na atribuição de competência. Entretanto, comparações múltiplas evidenciaram que houve uma maior percepção de competência na mulher negra do que na mulher branca na condição em que o participante era o gestor e a mulher do vídeo era a funcionária ($b = 0,38$; $EP = 0,16$; $p = 0,020$; $d = 0,28$), mas não quando o participante era o funcionário e a mulher a gestora ($b = 0,13$; $EP = 0,17$; $p = 0,44$; $d = 0,09$). De modo geral, a competência atribuída a ambas as mulheres foi acima do ponto médio da escala de resposta que variava de 1 a 7 ($M = 5,66$; $DP = 1,38$).

CAPÍTULO VI

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal da presente pesquisa foi avaliar os processos de despersonalização da mulher negra por homens brancos e negros, por meio de um experimento que manipulou a cor de pele e o status profissional da mulher apresentada em um vídeo. Os resultados evidenciam alguns processos de despersonalização da mulher negra quando atrelados aos fatores de status profissional, cor de pele do participante e cor de pele da mulher, assim como os vetores da objetificação, a exemplo do sexismo e do racismo. Tais resultados nos levam a refletir sobre o papel da despersonalização na vida das mulheres negras, conforme as seguintes hipóteses:

A mulher de cor da pele negra será mais despersonalizada do que a mulher de cor da pele branca

A nossa primeira hipótese de que as mulheres negras seriam mais despersonalizadas do que as mulheres brancas foi consistentemente confirmada. As mulheres brancas foram mais personalizadas pelos homens. Esse achado corrobora o estudo de Sesko e Biernat (2010), que verificou uma tendência entre os participantes brancos a não reconhecerem corretamente as mulheres negras. Tal estudo explica a relação da invisibilidade da mulher negra e nos ajuda a esclarecer o efeito da despersonalização sobre ela. Nesse sentido, a despersonalização, quando atrelada ao racismo, produz invisibilidade, que funciona como uma ausência de representação ou de reconhecimento das pessoas pertencentes aos grupos minoritários.

Em nosso estudo experimental, inserimos o fator gênero e raça, dando aos participantes um foco nos rostos das mulheres (branca e negra). Ficou evidente que quando a ênfase é dada ao rosto, as mulheres negras são menos percebidas, são mais despersonalizadas pelos homens

do que as mulheres brancas. Outro fator explicativo para o fato de os participantes brancos personalizarem mais a mulher branca em contraposto à mulher negra são as interações endogrúpicas. Nesse sentido, há uma tendência a identificar aquele(a) com quem mais se parece ao seu grupo, além de demonstrar um indicativo de relevância social que aquela pessoa tem no grupo e na sociedade, de tal maneira que esse alguém pode ser rejeitado caso não demonstre tal relevância social (Lima, 2016). Tal processo possivelmente ocorre com o índice de despersonalização da mulher negra pelos participantes brancos, uma vez que a despersonalização está atrelada à falta de interesse em avaliar ou formar impressão sobre o outro que não pertence ao grupo de quem avalia ou forma impressão.

As mulheres de status profissional mais baixo (funcionárias) serão mais despersonalizadas que as de status mais alto (gerentes)

Levamos a hipótese de que o status profissional influenciaria os níveis de personalização. Ao realizarmos comparações entre status profissional e cor da pele, evidenciamos que a mulher negra foi mais despersonalizada em comparação à mulher branca, que foi mais personalizada independente do seu status profissional (funcionária ou gestora). Purdie-Vaughns e Eibach (2008) discutem um processo chamado de invisibilidade interseccional, que acontece quando uma pessoa pertence a múltiplos grupos minoritários e consequentemente sofre uma invisibilidade social provocada pelo grupo dominante, como resultado do baixo status social. Nossa pesquisa analisa e evidencia que, de fato, as mulheres negras foram mais invisibilizadas pelos homens.

Outra maneira de explicar a maior despersonalização da mulher negra, independente do status profissional, é que geralmente as pessoas tendem a prestar mais atenção naqueles que aparentam ter o poder ou fazem parte do grupo dominante. Fiske (1993) argumenta que esse é um princípio simples: as pessoas prestam mais atenção naqueles que controlam os resultados.

Dessa maneira, a atenção é direcionada para seguir uma hierarquia. Se a mulher negra faz parte de diferentes grupos minoritários, dificilmente ela terá a mesma relevância social que uma mulher branca aparenta ter, conseqüentemente é mais despersonalizada. Entretanto, entre os participantes da nossa pesquisa, os homens possivelmente não se sentiram convencidos com a condição da mulher de alto status profissional (gestora) em função do seu nível de sexismo benevolente. Por isso, não diferenciaram gestora de funcionária de modo geral. De fato, os participantes brancos personalizaram mais a funcionária branca do que a gestora branca.

As mulheres negras de status profissional mais baixo (funcionárias) serão as mais despersonalizadas e haverá diferenças da personalização de acordo com a cor de pele da mulher, o status profissional e a cor de pele do participante

Tínhamos a hipótese de que as mulheres negras com baixo status profissional seriam mais despersonalizadas. No entanto, essa hipótese não foi comprovada. Ao contrário disso, evidenciamos que os participantes brancos, ao verem o vídeo da mulher negra na posição de gestora, despersonalizaram mais a mulher negra do que o fizeram os participantes negros, ou seja, os brancos atribuíam menos características ou idiossincrasias à mulher negra quando estava na posição de gestora. Quando a cor de pele é associada ao status, percebemos uma diferenciação na avaliação entre as mulheres, de acordo com os estudos de controle dos estereótipos e gênero (Glick & Fiske, 1996), que determinam uma avaliação assimétrica entre aqueles que têm poder e status ligados ao poder real e ao poder desejado.

Algumas pesquisas sugerem que gênero e raça são fatores rapidamente codificados e usados com julgamentos ao encontrar indivíduos (Allport, 1954; Fiske & Neuberg, 1990) e, assim que uma mulher negra entra em uma sala, como a de uma entrevista, os observadores podem prontamente “vê-la”; no entanto, nossa pesquisa sugere que os rostos das mulheres negras são dificilmente distinguidos uns dos outros.

O quanto os participantes gostariam de ser chefiados e a avaliação da competência da mulher dependerão da cor de pele e do status profissional

Outro ponto a ser discutido se refere à despersonalização da mulher em posição de alto status profissional. Foi observado que os participantes reconheceram as capacidades e as competências da mulher negra apresentada no vídeo como sendo mais qualificada do que a mulher branca, mas, quando perguntados se contratariam a pessoa do vídeo, os participantes optavam por contratar a mulher branca, o que pode ser reflexo de uma valorização do endogrupo (Tajfel, 1981). De acordo com Teoria de Identidade Social, quando as identidades sociais são salientes, é comum a adoção de estratégias e atitudes que mantenham um senso de superioridade do endogrupo em relação ao exogrupo. Além de atitudes depreciativas e comportamentos preconceituosos para com os membros do exogrupo, ocorre comumente o favorecimento endogrupal, em que alocamos mais recursos aos membros do nosso próprio grupo (Tajfel & Turner, 1979), semelhante ao processo teorizado pelo paradigma dos grupos mínimos (Tajfel *et al.*, 1971). Nesse caso, os participantes brancos favoreceram mais a mulher branca no que tange à contratação.

Além disso, os observadores (na pesquisa em questão, os homens) são menos eficientes em categorizar as mulheres negras do que as mulheres brancas. Zárate e Smith (1990) descobriram que os participantes brancos categorizaram alvos negros mais lentamente do que alvos brancos (por raça e gênero), mas especialmente quando os alvos eram mulheres negras.

Os participantes com maior índice de objetificação, sexismo e maior racismo serão os que mais despersonalizarão a mulher negra.

Esse processo de despersonalização dos participantes em relação às mulheres negras pode ser explicado por uma relação interseccional entre o racismo, o sexismo e a objetificação.

Ao analisarmos a influência desses fenômenos na personalização, percebemos que a tendência em despersonalizar a mulher negra em comparação à mulher branca aconteceu de maneira significativa em homens com alta objetificação e alto racismo e em ambos os níveis de sexismo (benevolente e hostil). Como se pode perceber, a correlação entre as variáveis foi positiva e moderada, o que sugere que quanto mais os homens são racistas e objetificantes, mais eles tendem a despersonalizar a mulher negra. Nesse sentido, pensando nas mulheres negras por meio do recorte desses preconceitos, elas seriam fortemente afetadas pelo duplo efeito (Beal, 1970), provocado pelo racismo e pela objetificação. O sexismo poderia ter sido mais evidenciado se no experimento também houvesse manipulação de vídeos de homens.

A objetificação retrata aspectos de mercantilização dos corpos femininos, além de separar o sexo de qualquer conexão ou avaliação de sentimentos ou até mesmo de reconhecimento do outro. Essa infra-humanização e despersonalização da mulher são apenas uma face moderna de representações de uma sociedade antiga (Nussbaum, 1995). Por exemplo, se pensarmos em um cenário de fácil acesso para os homens, como a pornografia, em um contexto imediato a mulher apresentada na imagem estaria sendo objetificada. Entretanto, esse cenário auxilia em uma generalização e torna aquilo que era para ser fictício como uma representação quase que geral de mulheres reais. Dessa forma, constrói-se para aqueles que assistem a um vídeo de pornografia uma objetificação fantasiosa de uma classe de mulheres reais, fomentando-se, assim, a ideia de que se pode ter uma satisfação fácil, sem dificuldades inerentes ao reconhecimento da subjetividade e da autonomia da mulher (Nussbaum, 1995).

Esses resultados comprovam que as crenças e as atitudes compartilhadas pelos homens brancos e negros são produtos de uma sociedade racista, sexista e objetificante que, além de tudo, produz a despersonificação em mulheres negras e retira delas o direito de serem reconhecidas como pessoas e não apenas como indivíduos ou categorias de pertencimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo avaliar os processos de despersonalização da mulher negra por homens brancos e negros. Sabendo-se que os efeitos que o racismo, o sexismo e a objetificação podem refletir de maneira negativa na personalização da mulher negra, na maneira como ela é pensada enquanto pessoa, este estudo é relevante para lançar luzes sobre o impacto de múltiplas discriminações, bem como os vieses da intersecção entre eles na psicologia social. Este estudo assume como problemática a relação entre o racismo, o sexismo e a objetificação na despersonificação, no processo de negação da alteridade, como um fenômeno capaz de alimentar a hierarquização e a interiorização dos membros de grupos minoritários, como acontece com as mulheres negras. Além disso, este estudo foi o primeiro a verificar se havia relações entre o status profissional e a cor de pele na despersonificação e a relacionar esse fenômeno com a objetificação.

A realização deste estudo nos possibilitou concluir que há despersonalização maior das mulheres negras em comparação às mulheres brancas e que as primeiras estão sujeitas a múltiplas interfaces de preconceitos que contribuem para a sua invisibilização social. Os resultados encontrados evidenciam um favoritismo em personificar a mulher branca e, conseqüentemente, em despersonificar a mulher negra. Sobretudo, quando a mulher negra estava na posição de alto status profissional (gestora). Um dado relevante, pois esses mesmos participantes reconheciam um maior potencial profissional da mulher negra do que da mulher branca. No entanto, havia a preferência em ter uma mulher branca como gestora.

Diante do exposto, considera-se que esta pesquisa seja relevante, pois possui implicações teóricas para a psicologia social e para pesquisas em estudos sobre a despersonificação de mulheres negras.

Limitações e sugestões para estudos futuros

Este estudo apresenta limitações. A primeira delas foi a amostragem por conveniência e a alta taxa de desistência entre os participantes para responder a pesquisa (78,2%). Ao total foram 2507 cliques no link da pesquisa, mas 531 participantes responderam o instrumento em sua grande parte (acima de 90%). Essas desistências podem ser características de pesquisas online, bem como podem ser reflexos de que apenas os participantes mais interessados permaneceram respondendo a pesquisa e os mais racistas e sexistas desistiram. A atribuição de características e estereótipos pode, em próximos estudos, também ser avaliada qualitativamente.

Reconhecendo a importância e a relevância deste estudo para a psicologia social, sugerimos que estes dados sirvam para impulsionar estudos futuros sobre a despersonalização de mulheres negras, superando as limitações aqui expostas e abrangendo, por exemplo, pesquisas que ampliem o olhar para objetificação em diferentes contextos, como relacionamentos afetivos e comércio pornográfico.

Quanto a sugestões de aprimoramento desta pesquisa e delineamentos futuros para o campo, sugerimos desenvolver uma Escala de Objetificação que seja capaz de mensurar a objetificação em outros níveis para além do sexual, já que, de modo geral, toda a objetificação carrega consigo aspectos despersonalizadores.

Outra sugestão, no que tange ao delineamento experimental, é a manipulação de outros contextos e cenários de despersonalização de mulheres negras que possa fortalecer ou refutar os achados encontrados, como o uso de notícias fictícias, vídeos que apresentem outros tipos de profissões e cenários que envolvam contextos de relacionamentos digitais, como aqueles que fazem uso de aplicativos de encontros, por exemplo.

Referências

Aiken, L. R. (1980). Validade de conteúdo e confiabilidade de itens ou questionários únicos.

Medição Educacional e Psicológica, 40(4), 955-959.

<https://doi.org/10.1177/001316448004000419>

Aiken, L. R. (1985). Três coeficientes para análise da confiabilidade e validade das classificações. *Medição Educacional e Psicológica*, 45(1), 131-142.

<https://doi.org/10.1177/0013164485451012>

Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Reading, Mass: Addison-Wesley Pub. Co.

Ana Karolyne Florencio.

American Educational Research Association., American Psychological Association., National Council on Measurement in Education., & Joint Committee on Standards for Educational and Psychological Testing (U.S.). (2014). *Standards for educational and psychological testing*.

Amorim, A. K. F., et al (2021). *Preconceitos que se cruzam: A Relação entre o Racismo,*

Sexismo e Valores. Psico-USF, Bragança Paulista, v. 26, n. 2, p. 253-263, abr./jun.

2021 253. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712021260205>.

Bar-Tal, D. (2000). *Shared beliefs in a society: Social psychological analysis*. SAGE Publications, Inc.,

<https://dx.doi.org/10.4135/9781452204697>.

Bartky, S.L. (1990). *Femininity and Domination: Studies in the Phenomenology of Oppression* (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203825259>.

- Beale, F. (1970). *Double jeopardy: To be Black and female*. In T. Cade (Ed.), *The Black woman: An anthology*. New York: New American Library.
- Beauvoir, S. (1980). *O segundo sexo*. S. Millit (Trans.), *Nova Fronteira*. 2 ed. (Le Deuxième Sexe, 1949).
- Borelli, A. (1998). *Gênero: Desafios e perspectiva*. Revista Unicsul.
- Borges, R. S. (2012). Mídia, racismos e representações do outro. In R. C. S. Borges & R. Borges (orgs.) *Mídia e racismo*, v.4, pp. 18-205. ABPN.
<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/roberto-carlos-da-silva-borges-e-rosane-borges-orgs-mc3addia-e-racismo.pdf>.
- Bourdieu, P. (2012). Uma imagem ampliada. In M. H. Kühner (Trans) *A dominação masculina*. (11 eds., pp. 15-67). DFL. (La domination masculine, 1998).
- Braga, A. (2011). *Dispositivos de uma beleza negra no brasil*. EDUFU, v.2, n.2, pp.1-9.
- Brown, T. (2015). *Confirmatory Factor Analysis for Applied Research (2nd Ed)*. Guilford Press.
- Calogero, R. M. (2011). Operationalizing self-objectification: Assessment and related methodological issues. In R. M. Calogero, S. Tantleff-Dunn, & J. K. Thompson (Eds.), *Self-objectification in women: Causes, consequences, and counteractions* (pp. 23–49). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/12304-002>
- Cohen, J. (1992). Quantitative methods in psychology: A power primer. In *Psychological bulletin*.
- Curran, P. (2004). *Development of a New Measure of Men's Objectification of Women: Factor Structure and Test Retest Validity*. Honors Projects.
- Curran, P. (2004). *Development of a New Measure of Men's Objectification of Women: Factor Structure and Test Retest Validity*. *Honors Projects*.
https://digitalcommons.iwu.edu/psych_honproj/13.

- Davis, A. (1981). *Women, race, and class*. New York: Random House.
- DeVellis, R. F. (2016). *Desenvolvimento de escala: Teoria e aplicações* (4ª ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- DiStefano, C., Morgan, G. B. (2014). A Comparison of Diagonal Weighted Least Squares Robust Estimation Techniques for Ordinal Data. *Structural Equation Modeling*, 21(3), 425-438. doi: 10.1080/10705511.2014.915373.
- Duarte, E. de A. (2009). Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. In: *Terra roxa e outras terras*. Revista de Estudos Literários.
- Ferreira, M. C. (1995). *Questionário Estendido de Atributos Pessoais: Uma medida de traços masculinos e femininos*. Psicologia: Teoria de Pesquisa.
- Fiske, S. (1993). *Controlling Other People: The Impact of Power on Stereotyping*. *American Psychological Association*. v.48. n. 6, pp. 621-628.
- Fiske, S. T., & Taylor, S. E. (1991). *Social cognition (2nd ed.)*. McGraw-Hill Book Company.
- Formiga, N. S. (2010) *Prioridades valorativas e sexismo ambivalente: predição do sexismo hostil e benévolo baseado nos valores humanos*. Revista de Psicologia, Fortaleza, v. 1 n. 1, p. 105-114
- Formiga, N. S., Gouveia, V. V., & Santos, M. N. (2002). *Inventário de sexismo ambivalente: Sua adaptação e relação com o gênero*, Psicologia em Estudo. 7(1), pp. 103-111.
- Formiga, N. S., Gouveia, V. V., & Santos, M. N. (2002). *Inventário de sexismo ambivalente: Sua adaptação e relação com o gênero*, Psicologia em Estudo. v. 7, n.1, pp. 103-111.
- Frank, A. F. (1996). For a sociology of the body: An analytical review. In M. Featherstone (Eds.). *The body. Social process and cultural theory*. Sage Publication.
- Fredrickson, B. L., & Roberts, T. A. (1997). Objectification theory: Experiences and mental health risks. *Psychology of Women Quarterly*. v. 21, pp. 173-206.

- Freyre, G. (2003). *Casa-grande e senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48 ed., Global.
- Gervasio, A. H., & Ruckdeschel, K. (1992). *College Students' Judgments of Verbal Sexual Harassment I*. *Journal of Applied Social Psychology*, 22(3), 190–211. doi:10.1111/j.1559-1816.1992.tb01535.x
- Gervasio, A. H., & Ruckdeschel, K. (1992). *College Students' Judgments of Verbal Sexual Harassment I*. *Journal of Applied Social Psychology*, 22(3), 190–211. doi:10.1111/j.1559-1816.1992.tb01535.x
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). *The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism*. *Journal of Personality and Social Psychology*. 70(3), 491–512. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1998). The Ambivalent Sexism Inventoy: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (2011). Ambivalent Sexism Revisited. *Psychology of Women Quarterly*. 35(3), 530–535. doi:10.1177/0361684311414832.
- Grosz, E. (2015). *Corpos reconfigurados*. *Cadernos Pagu*, (14), 45–86. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635340>.
- Haslam, N. (2006). *Dehumanization: An Integrative Review*. *Personality and Social Psychology Review*. 10(3), 252–264. doi:10.1207/s15327957pspr1003_4
- Hooks, B. (2014). Desvalorização continuada da natureza feminina negra (pp. 38-62). *In Eu não sou uma mulher*. Plataforma Gueto (Trans.), (Ain't I a woman: Black women and feminism, 1 ed., 1981).
- Hooks, B. (2019). Vendendo uma buceta quente: representação da sexualidade da mulher negra no mercado cultural. *In B. Hooks; S. Borges (Trans.), Olhares negros: Raça e*

- representação* (1 ed., 1v., pp. 128-154). Elefante. (Black Looks: Race and representation, 1992).
- Hordge-Freeman, E. (2019). Corpos negros, castas brancas: racializando e generificando corpos. In E. Hordge-Freeman; V. H. Kebbe (Trans.), *A cor do amor: características raciais, estigmas e socialização em famílias negras* (1 ed., pp. 97-132) EdUFSCar. (The Color of love: Racial features, stigmas, and socialization in black Brazilian Families, 2015).
- Jahoda, G. (1999). *Images of savages: ancient roots of modern prejudice in western culture*. (1 ed.). Routledge.
- Jeffreys, S. (2005). *Beauty and misogyny: Harmful cultural practices in the west*. Routledge.
DOI:10.4324/9780203698563
- Jodelet, D. (1984). The representation of the body and its transformations. In R. Farr & S. Moscovici (Eds.), *Social representations*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Jodelet, D. (1986). La representación social: fenómenos, conceptos y teoría. In S. Moscovici (Ed.), *Psicología Social II: Pensamiento y vida social* (pp. 469-494). Barcelona, Paidós.
- Jodelet, D. (2000). Le corps, la personne et autrui. In S. Moscovici (Ed.), *Psychologie sociale dès relations à autrui*. Nathan. (pp. 41-68).
- Jodelet, D., Ohana, J., Bessis-Moñino, C., & Dannenmüller, E. (1982). *Système de representation du corps et groupes sociaux*.
- Kerner, I. (2012). *Tudo é interseccional? Sobre a relação entre racismo e sexismo*. Tavolari, B. (Trans). Novos estudos CEBRAP.
- King, D. K. (1988). *Multiple Jeopardy, Multiple Consciousness: The Context of a Black Feminist Ideology*. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 14(1), 42–72. doi:10.1086/494491.

- Lewis, J. A., & Grzanka, P. R. (2016). Applying intersectionality theory to research on perceived racism. In A. N. Alvarez, C. T. H. Liang, & H. A. Neville (Eds.), *The cost of racism for people of color: Contextualizing experiences of discrimination* (pp. 31–54). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/14852-003>
- Leyens, J.-P., Cortes, B., Demoulin, S., Dovidio, J. F., Fiske, S. T., Gaunt, R., Vaes, J. (2003). *Emotional prejudice, essentialism, and nationalism The 2002 Tajfel lecture. European Journal of Social Psychology, 33(6), 703–717.* doi:10.1002/ejsp.170
- Leyens, J.-P., Rodriguez-Perez, A., Rodriguez-Torres, R., Gaunt, R., Paladino, M.-P., Vaes, J., & Demoulin, S. (2001). *Psychological essentialism and the differential attribution of uniquely human emotions to ingroups and outgroups. European Journal of Social Psychology, 31(4), 395–411.* doi:10.1002/ejsp.50
- Li, C. H. (2016). Confirmatory factor analysis with ordinal data: Comparing robust maximum likelihood and diagonally weighted least squares. *Behavioral Research Methods, 48(3), 936–949*doi: 10.3758/s13428-015-0619-7.
- Lima, M. E. O. (2016). A despersonalização dos negros e o racismo. In D. X. França, & M. E. O. Lima (Org.), *Níveis de análise e formas de intervenção em psicologia social. Scortecci.* pp. 177-188.
- Lima, M. E. O. (2019) O que há de novo no “novo” racismo do Brasil? *Dossiê - Educação das Relações Étnico-Raciais na Contemporaneidade: Permanências e Transformações, 4 (7), 157-177.*
- Lima, M. E. O. (2020). Como o racismo se expressa. *Psicologia social do preconceito e do racismo* São Paulo, Blucher Open Access.
- Lima, M. E. O. L., Barbosa, I. H. A., Araujo, E. M. S., & Almeida, J. N. (2020). *Construção e validação da escala de racismo revitimizador.* DOI: 10.5433/2236-6407.2020v11n2p111.

- Lima, M. E. O. L., Barbosa, I. H. A., Araujo, E. M. S., & Almeida, J. N. (2020). *Construção e validação da escala de racismo revitimizador*. DOI: 10.5433/2236-6407.2020v11n2p111.
- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). *As novas formas de expressão do preconceito e do racismo*. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 401–411. doi:10.1590/s1413-294x2004000300002.
- Lima, M. E. O., Rodrigues, H. S. & Santos, E. V. (2022). Sexual Racism in Brazil: Aesthetic Preference, Beauty Models and Stereotypes. *Trends in Psychology*.
<https://doi.org/10.1007/s43076-021-00128-5>
- Marcondes, M. M. O. et al. (2013). *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Ipea.
- Matta, Da R. (1979). *A construção da pessoa nas sociedades indígenas*. Nova Série. n.32.
- McMahon, J. M., & Kahn, K. B. (2015). *Benevolent racism? The impact of target race on ambivalent sexism*. *Group Processes & Intergroup Relations*, 19(2), 169–183. doi:10.1177/1368430215583153
- Mladinic, A., Saiz, J. L., Díaz, M., Ortega, A., & Oyarce, P. (1998). *Sexismo Ambivalente en Estudiantes Universitarios Chilenos: Teoría, Medición y Diferencias de Género* [Ambivalent sexism in Chilean university students]. *Revista de Psicología Social y Personalidad*, 14(1), 1–14.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Trad. de Álvaro Cabral. Zahar.
- Neto, M. G. O. (2015). *Entre o grotesco e o risível: o lugar da mulher negra na história em quadrinhos no Brasil*. *Revista Brasileira de Ciência e Política* (16). DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-335220151604>.

- Nichols, S., & Stahl, G. (2019). *Intersectionality in higher education research: a systematic literature review*. *Higher Education Research & Development*, 1–14. doi:10.1080/07294360.2019.1638348
- Nogueira, I. B. (1998). *Significações do corpo negro*. Universidade de São Paulo.
- Nussbaum, M. C. (1995). *Objetification*, v.24, 4ed., Philosophy and Public Affairs.
- Pasquali, L. & Alves, A. (2010). Testes Referentes a Conteúdo: Medidas Educacionais e de Competências. Em Luiz Pasquali. (Ed.), *Instrumentação Psicológica: fundamentos e práticas* (pp. 199-241). Porto Alegre: Artmed.
- Purdie-Vaughns, V., & Eibach, R. P. (2008). *Intersectional Invisibility: The Distinctive Advantages and Disadvantages of Multiple Subordinate-Group Identities*. *Sex Roles*, 59(5-6), 377–391. doi:10.1007/s11199-008-9424-4
- Quinn, B. A. (2002). Sexual Harassment and Masculinity: The Power and Meaning of “Girl Watching.” *Gender and Society*, 16(3), 386–402. <http://www.jstor.org/stable/3081785>
- Quinn, B. A. (2002). Sexual Harassment and Masculinity: The Power and Meaning of “Girl Watching.” *Gender and Society*, 16(3), 386–402. <http://www.jstor.org/stable/3081785>
- Raykov, T. (1997). Estimation of composite reliability for congeneric measures. *Applied Psychological Measurement*, 21(2), 173-184. doi: 10.1177/01466216970212006
- Rossini, T. C. N. (2014). *A caleidoscópica representação do corpo feminino negro em um defeito de cor*. Universidade Estadual do Maringá.
- Santos, G. G. P. & S. R. Sales (2018). *A Mulher Negra Brasileira, Miscigenação e o Estupro Colonial: O mito da democracia racial e o reforço de estereótipos racistas e sexistas*. Caderno Espaço Feminino, v.31 n 1, pp. 40-62. doi: <http://dx.doi.org/10.14393/CEF-v31n1-2018-3>.
- Schwartz, S. H., & Struch, N. (1989). Values, Stereotypes, and Intergroup Antagonism. *Stereotyping and Prejudice*, 151–167. doi:10.1007/978-1-4612-3582-8_7

- Sesko, A. K., & Biernat, M. (2010). *Prototypes of race and gender: The invisibility of Black women*. *Journal of Experimental Social Psychology*, 46(2), 356–360. doi:10.1016/j.jesp.2009.10.016
- Souza, J. (2001). *A sociologia dual de roberto da matta: Descobrimos nossos mistérios ou sistematizando nossos auto-enganos?*, *Revista Brasileira de ciências sociais*, v. 16, n. 45..
- Souza, M. A., & Ferreira, M.A.C. (1997). *Identidade de gênero masculina em civis e militares*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 10 (2). <https://doi.org/10.1590/S0102-79721997000200009>.
- Souza, N. S. (1983). *Torna-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 4 ed., v. 4. Edição Graal LTDA.
- Staub, E. (1989). *The roots of evil: the origins of genocide and other group violence*. Cambridge University Press.
- Swim, J. K., Aikin, K. J., Hall, W. S., & Hunter, B. A. (1995). *Sexism and racism: Old-fashioned and modern prejudices*. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(2), 199–214. doi:10.1037/0022-3514.68.2.199
- Tajfel, H. (1981). *O conflito intergrupo*. In *Grupos Humanos e Categorias Sociais: estudo em psicologia social*. vol. 2. Livros Horizontes.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1986). The social identity theory of inter-group behavior. In S. Worchel & W. Austin (Eds.), *Psychology of intergroup relations* (2nd ed., pp. 7-24). Chicago: Nelson-Hall.
- Tajfel, H., Billig, M. G., Bundy, R. P., & Flament, C. (1971). Social categorization and intergroup behaviour. *European journal of social psychology*, 1(2), 149-178. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420010202>

- Teixeira, F. S. (2014). *O fenômeno da despersonalização e suas relações com a infra humanização e o preconceito*. Universidade Federal de Sergipe.
- Wolf, N. (1997). *Promiscuities: The secret struggle for womanhood*. Random House.
- Xavier, E. (2021). *Que corpo é esse?: o corpo no imaginário feminino*. Oficina Raquel.
- Zarate, M. A., & Smith, E. R. (1990). *Person Categorization and Stereotyping*. *Social Cognition*, 8(2), 161–185. doi:10.1521/soco.1990.8.2.161.
- Zolot, L. (2003) The Development of a Measure of Men ' s Objectification of Women. *Honors Projects*.
- Zolot, L. (2003). *The Development of a Measure of Men's Objectification of Women*. Honors Projects. Paper 29. http://digitalcommons.iwu.edu/psych_honproj/29

Apêndices

Apêndice A

ROTEIRO DAS ATRIZES

Oi!!! Me chamo Jéssica, tenho 22 anos, sou heterossexual, natural de Salvador e sou graduanda em Física na UFBA

Sempre carrego comigo minha fé nos orixás, sou candomblecista, moro sozinha, me considero uma mulher independente, além disso, gosto de ir à praia, fazer atividade física, de signos, de ler. Mais minha maior paixão é a Astronomia, gosto de pensar sobre a origem do universo, de como surgiu as estrelas, os planetas, as galáxias, os asteroides e os demais corpos celestes que existem no universo.

Para mim tudo é fantástico e imenso. Pense! Você, uma pessoa única em um planeta com bilhões de pessoas, localizado em uma galáxia que possui cerca de 14 bilhões de anos terrestres e abrange aproximadamente 200 bilhões de estrelas. E nem mesmo com todos os avanços tecnológicos da Astronomia, ainda não conseguimos dar conta da dimensão e complexidade da Via Láctea e todos esses componentes se mantêm presos em uma única estrutura pela força da gravidade. Me sinto super pequena em meio a tudo isso!

Esta foi a razão que me fez entrar como aluna para o Instituto de Física de Universidade Federal da Bahia, a universidade tem um curso de extensão sobre Astronomia, ainda farei parte dele.

Agora, preciso confessar algo, também gosto de estudar “signos”, a Astrologia, eu sei da distância e diferença entre eles, mas acaba sendo um passatempo para mim, um hobby, sabe! É interessante a relação que muitas culturas possuem com os astros, seja para explicar os acontecimentos terrestres ou como o berço da Grécia antiga que disseminou em sua cultura a possibilidade de pensar na vida influenciada pelos astros, a crença de que os planetas exercem influência a depender do dia e hora em que você nasceu, determinando assim os rumos da individualidade e do destino das pessoas.

Imagina que legal, pensar nos astros antes mesmo de ter conhecimentos sobre a física?!

Apêndice B

INSTRUÇÃO: ANTES DE APRESENTAR O VÍDEO

Imagine que você é diretor de uma empresa de astrofísica. O vídeo que irá assistir é de uma candidata à vaga na empresa que você dirige (Gestor).

Imagine que você trabalha nos serviços gerais de uma empresa de astrofísica. O vídeo que você irá assistir é de uma candidata a ocupar o cargo de sua chefe nesta empresa (Funcionário).

Em seguida, apresentação do questionário

QUESTIONÁRIO DE CATEGORIZAÇÃO

1. Responda livremente com base no vídeo que você assistiu, o que você lembra sobre a astronomia?

2. A que grupos ou categorias sociais e profissionais você acha que a personagem pertence ou poderia pertencer (escreva o máximo que conseguir)

3. Se você tivesse que descrever a personagem em termos físicos e psicológicos para outra pessoa, que características diria que ela possui (seja o mais detalhista possível)

4. Quanto tempo (**em segundos**) você acha que durou o vídeo?

5. Em que medida Jéssica parece uma pessoa tipicamente de Salvador?

Nada soteropolitana <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	5 <input type="radio"/>	6 <input type="radio"/>	Totalmente soteropolitana <input type="radio"/> 7
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

6. Qual a idade Jéssica disse ter?

- 18 anos
- 20 anos
- 22 anos
- 24 anos

7. De acordo com sua percepção o quanto independente Jéssica é?

- Pouco independente
- Trabalha, mas ainda depende dos pais para se manter
- Independente, mas ainda mora com os pais
- Independente e mora sozinha

8. De acordo com o que você lembra, como Jéssica preenche seu tempo?
Marque quantas alternativas achar corretas.

- Passa todo o tempo estudando, não tem tempo para mais nada
- Gosta de ler
- Não costuma fazer atividade física
- Vai com frequência a paria

9. Em que medida ela diz ser religiosa?

Nada religiosa <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	5 <input type="radio"/>	6 <input type="radio"/>	Extremamente religiosa <input type="radio"/> 7
---	----------------------------	----------------------------	----------------------------	----------------------------	----------------------------	---

10. No geral, o quão candomblecista ela lhe parece ser?

Nada Candomblecista <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	5 <input type="radio"/>	6 <input type="radio"/>	Totalmente Candomblecista <input type="radio"/> 7
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

11. Qual área de conhecimento Jéssica disse está cursando?

- Veterinária
- Física
- Psicologia
- Biologia

12. Quantos bilhões de anos possuem uma galáxia de acordo com as informações passadas por Jéssica?

- 20 milhões
- 10 bilhões
- 15 milhões
- 14 bilhões

13. Em qual instituto Jéssica disse estudar?

- Instituto de Pesquisa em Biologia da Universidade do Estado da Bahia
- Instituto de Física da Universidade Federal da Bahia
- Instituto de pesquisa em Psicologia da Universidade Federal da Bahia
- Instituto de pesquisa em Medicina Veterinária da Universidade Federal d Bahia

14. O quão competente Jéssica lhe pareceu ser?

Nada competente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	5 <input type="radio"/>	6 <input type="radio"/>	Muito competente <input type="radio"/> 7
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	----------------------------	----------------------------	---

15. Em uma visão geral, qual o lugar de importância da astronomia na vida de Jéssica? Marque quantas achar necessário.

- Um passatempo
- Um compromisso diário com os estudos
- Estuda pouco pois precisa trabalhar
- É prioridade, uma profissão

16. De acordo com o que você lembra, qual o hobby de Jéssica?

- Danças
- Esportes
- Terapia Holística
- Astrologia

17. O quão simpática Jéssica lhe parece ser?

Nada simpática <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	5 <input type="radio"/>	6 <input type="radio"/>	Muito simpática <input type="radio"/> 7
---	----------------------------	----------------------------	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

18. O que Jéssica disse sobre a astrologia (signos)?

- A astrologia nasceu na Índia
- Algumas culturas creem que os planetas exercem influência na vida das pessoas
- Penso que os signos não influenciam na vida das pessoas
- Gosto, mas leio pouco sobre o assunto

19. Com relação à cor da pele, como você classificaria Jéssica? Indique com um X apenas **uma resposta**, aquela que mais se aproximar da sua opinião.

()	()	()	()	()	()	()
branca	morena muito clara	morena clara	morena	morena escura	morena muito escura	preta

20. Em que medida Jéssica lhe convenceu estava dizendo a verdade sobre ela?

Nada convincente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	5 <input type="radio"/>	6 <input type="radio"/>	Muito convincente <input type="radio"/> 7
---	----------------------------	----------------------------	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

Anexos

Anexo A

MEDIDA DE OBJETIFICAÇÃO DE MULHERES

1. Costumo imaginar como as mulheres que encontro diariamente seriam na cama.

Discordo totalmente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	Concordo totalmente <input type="radio"/> 5
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

2. Quando vejo uma mulher atraente, me pergunto sobre como seria fazer sexo com ela.

Discordo totalmente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	Concordo totalmente <input type="radio"/> 5
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

3. Se vejo uma mulher andando na rua, imagino rapidamente como ela seria durante o sexo.

Discordo totalmente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	Concordo totalmente <input type="radio"/> 5
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

4. Costumo imaginar como as mulheres que encontro diariamente ficariam se estivessem nuas.

Discordo totalmente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	Concordo totalmente <input type="radio"/> 5
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

5. É mais provável que eu observe ou paquere com uma mulher com um corpo atraente do que com uma que tenha apenas um rosto bonito.

Discordo totalmente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	Concordo totalmente <input type="radio"/> 5
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

6. A aparência de uma mulher pode dizer muito sobre sua disponibilidade sexual.

Discordo totalmente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	Concordo totalmente <input type="radio"/> 5
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

7. Penso que não há problemas em ser um pouco grosseiro ao comentar sobre as mulheres.

Discordo totalmente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	Concordo totalmente <input type="radio"/> 5
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

8. As mulheres devem estar acostumadas a ouvirem os homens à sua volta comentarem sobre seus corpos.

Discordo totalmente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	Concordo totalmente <input type="radio"/> 5
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

9. Já comentei com meus amigos sobre mulheres que acho pouco atraentes.

Discordo totalmente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	Concordo totalmente <input type="radio"/> 5
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

10. Eu nunca faria comentários com meus colegas sobre mulheres que considero pouco atraentes.

Discordo totalmente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	Concordo totalmente <input type="radio"/> 5
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

11. Já fiz piadas sobre mulheres feias.

Discordo totalmente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	Concordo totalmente <input type="radio"/> 5
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

12. Penso que comentar sobre as características físicas de uma mulher é algo natural.

Discordo totalmente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	Concordo totalmente <input type="radio"/> 5
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

Anexo B

INVENTÁRIO DE SEXISMO AMBIVALENTE (ISA)

INSTRUÇÕES. A seguir será apresentada uma série de frases sobre homens e mulheres, assim como sobre sua relação mútua em nossa sociedade contemporânea. Por favor, indique se você concorda ou não concorda com cada um dos itens, usando a escala abaixo:

1	2	3	4
Concordo Totalmente	Concordo em Parte	Discordo em Parte	Discordo Totalmente

Itens do ISA	Concordo Totalmente	Concordo em Parte	Discordo em Parte	Discordo Totalmente
Ainda que um homem tenha muito êxito em sua vida, não poderá sentir-se completo a menos que tenha o amor de uma mulher.	1	2	3	4
Com o pretexto da igualdade, muitas mulheres buscam privilégios especiais, como condições de trabalho que as favoreçam.	1	2	3	4
Em caso de grandes ou pequenos acidentes, as mulheres devem ser resgatadas antes que os homens.	1	2	3	4
A maioria das mulheres interpreta os comentários ou brincadeiras inocentes como sexistas, isto é, como expressões preconceituosas ou discriminatórias contra elas.	1	2	3	4
As mulheres se ofendem muito facilmente.	1	2	3	4
As pessoas não podem ser verdadeiramente felizes em suas vidas a menos que tenham uma outra pessoa do sexo oposto. (Ex.: para o homem, uma mulher, e vice-versa).	1	2	3	4
Na verdade, o que as mulheres feministas pretendem é que a mulher tenha mais poder que o homem.	1	2	3	4

Muitas mulheres se caracterizam por uma pureza que poucos homens possuem.	1	2	3	4
As mulheres devem ser queridas e protegidas pelos homens.	1	2	3	4
A maioria das mulheres não dá valor completamente a tudo o que os homens fazem por ela.	1	2	3	4
As mulheres tentam ganhar poder controlando os homens.	1	2	3	4
Todo homem deve ter uma mulher a quem amar.	1	2	3	4
O homem está incompleto sem a mulher.	1	2	3	4
As mulheres exageram os problemas que têm no trabalho.	1	2	3	4
Uma vez que uma mulher consiga que o homem se comprometa com ela, geralmente, ela tenta controlar.	1	2	3	4
Quando as mulheres são vencidas pelos homens numa disputa justa, geralmente se queixam de serem “roubadas” ou discriminadas.	1	2	3	4
Uma boa mulher deveria ser posta em um pedestal pelo homem.	1	2	3	4
Existem muitas mulheres que, para chamar a atenção de um homem, primeiro se insinuam sensualmente e depois rejeitam seus avanços ou “cantadas”.	1	2	3	4
As mulheres, em comparação com os homens, tendem a ter uma maior sensibilidade moral.	1	2	3	4
Os homens deveriam estar dispostos a sacrificar seu próprio bem-estar a fim de dar segurança econômica e social às mulheres.	1	2	3	4
As mulheres feministas estão fazendo exigências completamente irracionais aos homens.	1	2	3	4

As mulheres, em comparação com os homens, mostram um sentido mais refinado para a cultura e o bom gosto.

1

2

3

4

Anexo C

ESCALA DE RACISMO REVITIMIZADOR

1. As pessoas discutem o racismo mais do que deveriam.

Discordo totalmente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	Concordo totalmente <input type="radio"/> 5
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

2. No Brasil, com as políticas de ação afirmativa, os negros têm mais privilégios que os brancos.

Discordo totalmente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	Concordo totalmente <input type="radio"/> 5
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

3. O que chamam de “privilégio dos brancos” é, na verdade, construído a partir do esforço das pessoas, e não uma vantagem já existente.

Discordo totalmente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	Concordo totalmente <input type="radio"/> 5
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

4. Independentemente da cor da pele, todos têm as mesmas oportunidades na vida desde que se esforcem.

Discordo totalmente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	Concordo totalmente <input type="radio"/> 5
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

5. O racismo não deveria ser usado como justificativa para não atingir objetivos pessoais.

Discordo totalmente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	Concordo totalmente <input type="radio"/> 5
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

6. Em geral, no Brasil, os brancos têm mais direitos do que os negros.

Discordo totalmente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	Concordo totalmente <input type="radio"/> 5
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

7. O racismo só existe na cabeça das pessoas que se dizem vítimas dele.

Discordo totalmente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	Concordo totalmente <input type="radio"/> 5
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

8. Se os negros tivessem mais força de vontade, conseguiriam ascender socialmente tanto quanto os brancos.

Discordo totalmente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	Concordo totalmente <input type="radio"/> 5
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

9. Dizer que no Brasil há desigualdade de oportunidades entre brancos e negros é exagero.

Discordo totalmente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	Concordo totalmente <input type="radio"/> 5
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

10. O racismo só se sustenta quando encontra aceitação dos que se dizem discriminados.

Discordo totalmente <input type="radio"/> 1	2 <input type="radio"/>	3 <input type="radio"/>	4 <input type="radio"/>	Concordo totalmente <input type="radio"/> 5
--	----------------------------	----------------------------	----------------------------	--

11. Você contrataria a pessoa do vídeo?

- Certamente contrataria
- Talvez contratasse
- Não contrataria
- Certamente não contrataria

Anexo D

DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS

1. Quantos anos você tem?

2. Qual seu sexo?

3. Qual a sua orientação sexual?

4. De que grupo étnico se considera?

- Branco
- Moreno
- Negro
- Outro